

Humberto Mariotti

Dialética e Metapsíquica

Traduzido do Espanhol
Dialéctica y Metapsíquica
1929

Prefácio de
J. Herculano Pires



Eugène Bodin
Os Campos



Conteúdo resumido

Nesta obra o eminente filósofo argentino analisa – e refuta – as concepções do materialismo filosófico e seus conceitos equivocados sobre a filosofia espírita. O autor demonstra que, com base nos experimentos científicos e na argumentação filosófica, a doutrina espírita é a única força capaz de barrar a influência nefasta do materialismo desolador sobre a mente humana.

O objetivo final deste trabalho, conforme as palavras de Mariotti, é “mostrar que o homem é uma entidade espiritual, eterna e indestrutível, chamada a grandes progressos espirituais e cósmicos, mediante a fecunda lei dos renascimentos”.

Com suas palavras, o autor nos convida à meditação e ao estudo, para sermos capazes de fazer com que o Espiritismo cumpra a sua principal missão, que é oferecer ao mundo a solução espiritual do problema social e, conforme as palavras do filósofo Herculano Pires, “elevar a Terra na escala dos mundos, transferindo-a da categoria expiatória para a de Mundo Regenerador”.

Apresentação

O filósofo portenho Humberto Mariotti (1905-1982) é hoje, reconhecidamente, um dos maiores pensadores espíritas que a América Latina nos legou. Poeta, ensaísta, orador e ativista, Mariotti produziu uma obra ainda pouco divulgada no Brasil. Alguns livros seus foram aqui lançados. *Parapsicologia e Materialismo Histórico*, seu principal trabalho, é o mais conhecido.



Raros foram os pensadores que conseguiram confrontar com maestria o pensamento social espírita e o marxismo. Mariotti foi um deles. Sem descartar a contribuição da filosofia marxista para a cultura, ele nos oferece correlações e intersecções filosóficas que poucos autores tiveram coragem de fazê-lo. Seguindo as pegadas do pensador também argentino Manuel S. Porteiro (1881-1936), Mariotti aborda a dialética sob a ótica espírita, utilizando-se das investigações e experimentações da metapsíquica, disciplina científica antecessora da parapsicologia. Ele analisa o marxismo de modo implacável sob a ótica da filosofia espírita. O resultado é uma obra saborosa, interessante e polêmica.

Este livro, segundo as próprias palavras de Mariotti, “é um retorno ao pensamento espiritualista. E o único propósito que o move é o de mostrar que o homem é uma entidade espiritual, eterna e indestrutível, chamada a grandes progressos espirituais e cósmicos, mediante a fecunda lei dos renascimentos”.

Já vai mais de meio século que essa obra foi escrita. O marxismo perdeu o potencial ideológico dos tempos da Cortina de Ferro, do macartismo, da Guerra Fria. O contexto é outro, mas as idéias expostas por Mariotti permanecem atuais e vale a pena serem conferidas pelos estudiosos interessados e engajados na construção de um pensamento social e de uma práxis plenamente integrada aos princípios espíritas/humanistas e aos anseios da realidade atual.

A presente obra, que o PENSE reedita em formato digital, foi escrita em 1940. Teve uma edição brasileira, há muito tempo esgotada, com tradução de Júlio Abreu Filho e prefácio de J. Herculano Pires, em 1950, pela saudosa editora Édipo.

Com esta iniciativa do PENSE, esta obra magistral está agora acessível a todos aqueles que quiserem conhecer a profundidade filosófica da escrita de Humberto Mariotti.

PENSE – Pensamento Social Espírita

Espiritismo dialético

(Prefácio – por J. Herculano Pires)

Introdução

A história do conhecimento é uma seqüência de erros, equívocos e frustrações. Este o motivo pelo qual Sócrates costumava explicar: “Só sei que nada sei, e que a filosofia começa quando começamos a duvidar.” Outra coisa não tem feito o homem, desde as cavernas da era pré-lacustre, do que errar para aprender. A história da civilização não é, portanto, somente a da luta de classes, segundo o materialismo dialético, mas a própria história do erro. Como, entretanto, do erro, do equívoco, da frustração, nasceram sempre e em todos os tempos o conhecimento e a sabedoria, mais uma vez se comprova, no terreno do pensamento, o processo dialético da natureza, que do pântano arranca os lírios, da larva a borboleta, do pecador o santo, do caos da sociedade capitalista os contornos do socialismo.

Quando Demócrito firmou o princípio atômico da constituição do mundo, cometeu toda uma série de erros, atribuindo à suposta partícula indivisível a diversidade de peso no vácuo, e dotando-a de ganchos para a composição da matéria. Não obstante, havia descoberto, mais de trezentos anos antes de Cristo, o segredo da constituição do mundo, que a física experimental só encontraria vinte e quatro séculos depois.

Ao formular a base dialética da sua filosofia, Hegel unificou o “ser” e o “pensar” de Kant, mas caiu no equívoco da “idéia universal”, espécie de encarnação filosófica do caprichoso deus antropomórfico das religiões. Feuerbach teve a coragem de fazer a filosofia descer do empíreo hegeliano à terra, para ligá-la às ciências naturais, mas caiu na frustração da “antropologia”, novamente separando o “ser” do “pensar” e transformando este último numa simples função da matéria. Não obstante, apoiados na dialética de Hegel e no materialismo de Feuerbach, Marx e Engels criaram o materialismo dialético, dando novo impulso ao

pensamento filosófico, abrindo novas possibilidades à investigação dos processos históricos e sociais, oferecendo base científica às aspirações do socialismo empírico.

Foram os gênios transformadores do século XIX, tornando-se credores de todos os que – e são a humanidade – desfrutam hoje da possibilidade de uma caminhada mais rápida nos rumos da civilização socialista. Stanley Jones, o grande missionário protestante, conhecido como “o cavaleiro do Reino de Deus”, observa, em *Cristo e o Comunismo*, que Marx impulsiona a história, limpando o templo da praga dos vendilhões, à semelhança do chicote do rabino, que ainda hoje espanta os cristãos comodistas.

Entretanto, a filosofia que Marx e Engels ofereceram ao mundo, como a mais alta expressão do conhecimento, não passa de uma forma híbrida, que se travestiu de síntese. A tese de Hegel e a antítese de Feuerbach não se conjugam na moderna escolástica do materialismo dialético, pois ali estão, sem dúvida, forçadas pela violência gráfica, duas palavras contraditórias e irreduzíveis, que não encontram caminho para o desenvolvimento da síntese. O materialismo é a porta fechada, diante da qual se interrompe, abruptamente, o processo dialético de Hegel.

Marx condenou a “incapacidade burguesa” de Proudhon para compreender a lei fundamental da dialética hegeliana, a “unidade dos contrários”, e chamou-o de falsificador, por ter feito a escolha indébita de um dos contrários, a propriedade “boa”, rejeitando dessa maneira a própria dialética. Mas, em compensação – rejubile-se o Espírito de Proudhon! –, ele e Engels não fizeram outra coisa. A luta dos contrários foi simplesmente frustrada na elaboração da dialética moderna, que se formou pela mesma e indébita escolha de um dos contrários. O materialismo dialético considerou “mau” o princípio espiritual, escolhendo como “bom” apenas o material. Por isso mesmo, não obstante a enorme contribuição que trouxe à marcha do conhecimento, não é mais do que uma tentativa de síntese.

Posição do materialismo dialético

Não resta dúvida que o materialismo dialético é o mais avançado passo da filosofia materialista, graças ao aproveitamento da tríade básica da mais antiga filosofia espiritualista, que podemos encontrar desde o taoísmo chinês ao druidismo gaulês, do antigo bramanismo à filosofia jônica, de Sócrates e Platão ao Evangelho do Cristo.

Diante da sua concepção do mundo e do seu método de análise histórica, o materialismo fixista do século XVIII e o próprio mecanicismo parecem conjecturas infantis. Na *Dialética da Natureza*, Engels observa, a propósito: “A ciência natural da primeira metade do século XVIII estava muito acima da antigüidade grega no tocante ao conhecimento e à classificação dos materiais, mas ao mesmo tempo abaixo dela, no domínio ideal desse material, na concepção da natureza.”

O mesmo podemos hoje dizer, no tocante à posição do materialismo dialético em face à filosofia idealista alemã do século XVIII, e particularmente à escola hegeliana. Repete-se, nesse caso, o que se verificara com Feuerbach diante de Hegel, no terreno da análise das relações sociais. A dialética marxista se nos apresenta, por isso mesmo, como um pássaro de asa quebrada, que, apesar de bater com energia a asa que lhe sobrou intacta, não consegue elevar-se além da poeira da terra. Falta-lhe a visão tão-somente de metade da realidade objetiva, dessa realidade que ele tanto defende e a que tanto se apega. Marx e Engels preferiram ignorar essa metade, que Hegel lhes oferecera, com os seus olhos de condor, para se reduzirem à miopia de Feuerbach. E cometeram assim o maior equívoco da moderna história da filosofia; tomando, como o fizera Proudhon, a exclusão pela síntese.

Justificativa do equívoco marxista

Sobram razões, entretanto, para esse equívoco. Não podemos condenar Marx e Engels, bem como Feuerbach, em última

instância, se este último, rebelando-se contra a “divinização dos fenômenos naturais impressionantes” pelo homem primitivo, pela razão instintiva, quis apegar-se à raiz latina da palavra religião, o verbo “religare”, para construir uma religião humana de fraternidade terrena, sem compromissos transcendentais, como Comte o tentaria mais tarde. Os dois primeiros, pelo contrário, rejeitaram até mesmo a velha raiz, tomados de uma verbofobia que ainda hoje impregna os seus seguidores. E levantaram, no pó do planeta, a primeira grande revolução filosófica, política e social, contra a imensidade cósmica do Espírito.

Foi, não um temporal num copo d’água, mas uma tormenta num grão de areia. Não obstante, como nesse grão de areia é que, segundo Kardec, nascemos, crescemos, vivemos, morremos, renascemos e progredimos sempre, pois “tal é a lei”, a revolta representa, para nós, toda uma época histórica, de importância igual à rebelião dos anjos, no princípio dos tempos.

A esses novos Lúciferes assistiam as razões poderosas da mistificação religiosa da época. A religião, distanciada da sua velha raiz, convertera-se em instrumento de opressão e da mais deslavada velhacaria. Nem foi por outro motivo que Kardec declarou, em *A Gênese*, com a clareza e a precisão que o caracterizavam: “As religiões, infelizmente, têm sido sempre instrumentos de dominação. O papel de profeta tem tentado as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, favorecidos pelo prestígio desse nome, exploram a credulidade, em proveito do seu orgulho, da sua cupidez ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver na dependência dos iludidos. A religião cristã não esteve ao abrigo desses parasitas.”¹

As igrejas haviam corporificado o princípio religioso, no terreno social, na forma de organizações político-financeiras, sedentas de dominação. Os sacerdotes nada mais eram do que os negociantes do culto. E este, como bem o definiram os materialistas dialéticos, “o suborno da divindade”. A corrupção capitalista invadira os céus, podendo acrescentar-se, por isso mesmo, com Tchetskiss: “O desenvolvimento da ciência provoca a morte da religião.” Já Kardec o dissera, no mesmo livro citado: “Se a

religião se recusa a marchar com a ciência, a ciência marchará sozinha.”

Querer que a capacidade de análise objetiva de Marx e Engels falhasse nesse terreno, despercebida do aspecto brutal da religião e ao seu verdadeiro papel na estrutura social, seria querer demasiado. Por outro lado, supor que esses anátomo-patologistas da sociedade capitalista pudessem agir, diante do corpo enfermo da sociedade da época, como psiquiatras, descobrindo a malversação dos elementos espirituais no desequilíbrio religioso, seria desconhecer o fenômeno das especializações no campo da ciência.

Marx e Engels fizeram o que puderam. Pura e simplesmente. O que assombra, porém, é que um século depois os seus discípulos e continuadores ainda arrastem a mesma asa quebrada, sem compreenderem a necessidade de avançar na concepção do mundo, em obediência, pelo menos, ao “processus” da sua própria dialética.

Um gesto de fraternidade

A explicação do fenômeno religioso como simples “humanização da natureza”, como a “projeção do homem ao infinito”, é mais literária do que filosófica, não tendo absolutamente nada de científica. O próprio Marx quase o reconheceu quando acrescentou à tese contemplativa de Feuerbach os seus princípios dinâmicos. Perdoa-se como um dos muitos equívocos, através dos quais se elabora dialeticamente o conhecimento. Admitir-se, porém, a sua perpetuação no mundo filosófico seria um crime de lesacultura.

Primeiro, por que não há nenhuma base positiva, experimental ou de observação, para comprovar essa teoria de emergência; depois, porque há uma infinidade de provas em contrário, suficientemente documentadas, com base na mais rigorosa investigação científica, feita por cientistas insuspeitos, tão materialistas e descrentes como Feuerbach, Marx, Engels e os seus continuadores.

Ora, parece evidente que uma teoria, contraditada pelos fatos, mormente através da investigação científica, não apenas uma, mas milhares de vezes, está irremediavelmente falida. Por outro lado, a afirmação de que “a sociedade burguesa tem interesse na explicação religiosa, teológica, dos fenômenos sociais” (Tchekiss) nada tem a ver com a realidade do fenômeno religioso em si, como a realidade das alterações fisiológicas não se invalida nem se obscurece em virtude da exploração dos charlatões da medicina. Além disso, é preciso notar que a filosofia espírita é tão contrária à teologia e às explicações teológicas da natureza quanto as próprias ciências naturais, não correspondendo, por isso mesmo, aos interesses de classe da burguesia.

No seu trabalho *Dialética e Metapsíquica*, afirma Humberto Mariotti: “A simples análise de um único caso de materialização deita por terra o raciocínio filosófico, e queiram ou não, uma nova idéia do ser e do mundo começará a mover-se na mente do pensador.” Com isto, sim, temos uma afirmação científica, devidamente comprovada pelos fatos, de que nos dão exemplo os casos clássicos de Richet, Myers, Lodge, Lombroso, materialistas convertidos ao espiritualismo, diante da realidade incontrovertível da fenomenologia espírita. Quando, pois, o materialismo dialético reduz à mesma pauta da superstição primitiva a religião ancestral, com as suas formas de exploração social, e os modernos trabalhos de pesquisa científica no terreno da sobrevivência, comete uma heresia filosófica de proporções catastróficas. Em outras palavras, reduz a tese dialética à antítese do dogma-de-fé, traindo a síntese ou fechando a porta.

Não há, ao mesmo tempo, nenhuma justificativa para os homens que, “bem situados” no mundo capitalista, deturpam os fatos históricos e a própria realidade presente, para sustentar a velha tese superada do materialismo científico, graças ao costumeiro processo da exclusão, ainda agora repetido pelos behavioristas e pavlovistas. Nessa categoria de irremissíveis estão o Dr. Emilio Troise, com o seu *Materialismo Dialético*, e entre nós os drs. Murilo de Campos, Leonídio Ribeiro, Henrique Roxo, – o humorista científico do “delírio espírita episódico” – e, ultimamente, como a mais recente contribuição da “cultura” indígena à

luta contra o Espiritismo, o professor Silva Mello, com o seu *Mistérios e Realidades Deste e do Outro Mundo*. Homens de ciência, que preferem negar as experimentações rigorosamente científicas de personalidades como Crookes e Richet, ou desnaturá-las e deformá-las, para sustentar uma teoria sem base, ou melhor, cuja suposta base se esvai aos olhos de todos, com a própria evaporação da matéria, na era da física nuclear.

O livro de Mariotti não é, por isso mesmo, apenas um esforço no sentido de colocar a verdade filosófica e científica da sobrevivência no seu devido lugar. Mais do que isso, é um gesto de fraternidade, um apelo do coração a esses transviados do conhecimento, na esperança de salvá-los, ainda, do implacável naufrágio da história.

Nem um passo à frente

Quando Engels escreveu o seu artigo contra o método empírico-indutivo de Bacon, ou melhor, confundindo esse método com “o êxtase e a vidência, importados da América”, de que se fazia vítima o empirismo inglês, na pessoa do “eminentíssimo zoológico e botânico Alfred Russel Wallace”, o homem que, simultaneamente com Darwin, apresentou a teoria da evolução das espécies pela seleção natural, o materialismo dialético era uma conquista recente, um equívoco em forma de desenvolvimento, e não nos caberia censurá-lo por essa digna atitude de combate. Engels não poderia entender de outra maneira o “desencaminhamento” de Wallace. Vê-se, não obstante, desse mesmo artigo, que Engels não ficaria no terreno da teoria. Embora mal, com a imperícia de quem jamais se interessara pelo assunto, procurou justificar as suas afirmações, através da observação e da experimentação.

O artigo de Engels foi publicado pela primeira vez em 1898. Devia ter sido escrito, segundo encontramos na edição brasileira da *Dialética*, em 1878. Engels criticava também os trabalhos de Crookes, Aksakof e Zöllner. É uma crítica violenta e irreverente, em que ele chega a considerar o Espiritismo “a mais estéril de

todas as superstições”. Como se vê, a afirmação não era dialética, mas empírica, inteiramente gratuita, e o longo roteiro das experiências espíritas e metapsíquicas aí está para desmentir-la. Mas tinha a sua razão de ser. Podemos dizer, com Hegel, que o *Zeitgeist*, o espírito da época, a justificava. O que espanta, entretanto, é que ainda hoje, quase um século depois, o artigo de Engels seja a única pauta dos que, como o professor Silva Mello, desejam eliminar do mundo em que vivemos, por incômoda, a realidade dos fenômenos espíritas, sem seguir sequer o exemplo de Engels no tocante à experimentação própria.

O desprezo pela dialética

Dizia Engels, no artigo: “...não se pode desprezar impunemente a dialética.” E dizia bem. Senão, vejamos: observados os fatos com o máximo rigor científico, através de centenas de sessões – nas quais obteve-se, inclusive, na presença de Gabriel Delanne, a célebre e impressionante materialização de Bien-Boa, na casa do general Noel, na Argélia –, Charles Richet se convence da realidade dos fenômenos, escreve o *Traité de Métapsychique*, *A Grande Esperança* e *O Sexto Sentido*, mas só concorda com a sobrevivência depois que a poderosa dialética de Ernesto Bozzano lhe demonstra a obscuridade das teorias que atravancam a sua própria ciência (expressões da carta de Richet a Bozzano, publicada no número de 30 de maio de 1936, da revista londrina *Psychic News*).

César Lombroso, o grande criminologista e psiquiatra, autor de severas críticas ao Espiritismo, encontra-se, não apenas em uma, mas em várias sessões realizadas em Milão, Gênova e Turim, com a materialização de sua própria mãe, graças à mediunidade de Eusápia Palladino, e proclama o fato com entusiasmo e emoção, na revista milanesa *Luce e Ombra*. Mas o professor Silva Mello descobre, algumas dezenas de anos mais tarde, em nosso país, que a médium era simplesmente “uma embusteira”, e afirma: “descobriu-se que ela fraudava de maneira sistemática e com a maestria de uma velha perita na questão”. Lombroso, como se vê, não fora mais do que um beócio, deixando-se em-

polgar pela emoção mais estúpida que se possa imaginar, quando tomou um boneco ou um farsante pela ressurreição da sua própria mãe! Que se admitisse a farsa numa comédia de Hollywood, vá lá, mas na vida de um homem como Lombroso é o que de mais grotesco se possa imaginar.

A frase de Engels se aplica também, como luva, ao caso do trio H. G. Wells, Julian Huxley e G. P. Wells. Não cometeram eles, é verdade, a gafe de negar a realidade dos fenômenos. Pelo contrário, como o Dr. Troise, reconheceram, prudentemente, que os fatos existem e não podem ser riscados da história ou apagados com a esponja da negação. No volume *Science of Life*, da coleção *Man's mind and behaviour*, traduzidos e publicados entre nós com os títulos *A Nossa Vida Mental*, coleção *A Ciência da Vida*, reconhecem eles: “Não podemos absolutamente rejeitar a evidência de tais fenômenos”. E acrescentam, aliás com muita oportunidade, censurando os que os negam: “Lembremo-nos, segundo Richet, de que grandes cientistas, como Bouillaud, declararam que o telefone era ventriloquia, e cientistas ainda maiores, como Lavoisier, afirmaram decisivamente que não poderiam cair pedras do céu, pela razão muito simples de que no céu não há pedras...”

Não obstante – ah, o desprezo pela dialética! –, terminaram apelando, num desesperado esforço de rejeição à tese espírita, ao “realismo” da Idade Média, para explicar os fatos: “Quando filosofamos – dizem eles – nas horas de recolhimento e de silêncio, talvez essa filosofia não parta unicamente de nós, mas seja o próprio Homem, na plenitude de si mesmo, que se revele através dos nossos pensamentos”.

Entenderam os leitores? Esse Homem (com “H” maiúsculo) é a verdadeira ressurreição da múmia filosófica da controvérsia entre “nominalistas” e “realistas”, arrancada à força dos baús medievais para enfrentar a realidade fenomênica do Espiritismo, em plena era atômica.

A sobrevivência contra a evolução

Mas não fica nisso o desprezo dos autores pela dialética. Depois desse gigantesco retrocesso histórico, afirmam eles, como se dissessem uma novidade: “a morte do indivíduo é um dos métodos da vida” (que dúvida!). E continuam: “Cada indivíduo é uma experiência biológica. Cada espécie progride pela seleção, rejeição ou multiplicação dos indivíduos. Biologicamente, a vida deixaria de continuar para diante, se os indivíduos não tivessem um fim e não fossem substituídos por outros. A idéia da imortalidade individual é absolutamente contrária à idéia da evolução contínua”.

E logo mais, numa dessas tiradas que se repetem de boca em boca e de livro em livro, enquanto alguém não pede, como Sócrates, a definição do seu verdadeiro sentido: “São os moços, e não os velhos, os que desejam a imortalidade pessoal.”

É pena que não mencionem a fonte desse espantoso dado estatístico, pois gostaríamos de confrontá-lo com o número de mocidades espíritas, católicas, protestantes, teosofistas, e dos muitos outros jovens espiritualistas não filiados a nenhuma seita, por que estranho motivo não deixam o terreno exclusivamente aos velhos, monopolizadores modernos da velha aspiração humana da sobrevivência.

Dizer, além disso, que a imortalidade individual é contrária à evolução contínua, é “fazer de conta” que essa imortalidade seja biológica. Ora, absurdo dessa monta ninguém poderia aceitar. Como, pois, interpretar-se a atitude desses homens habituados a lidar com as coisas do pensamento, a acompanhar e divulgar os conhecimentos científicos, senão pelo desprezo à dialética?

A tese das “materializações românticas”

Não se pense, porém, que o desprezo ficou no que dissemos. Longe disso, ele foi e vai muito além. Quando se trata de contradizer o Espiritismo e de fatos espíritas, tudo parece permitido aos

homens de ciência e aos homens de letras. Não há fronteiras para a imaginação, nem limites para o raciocínio.

É assim que, ilustrando o volume com várias fotografias espíritas, os autores reproduzem um quadro de Tissot e o comparam à famosa fotografia da “cabeça materializada”, obtida por Notzing e madame Bisson, com a médium Eva Carriere. Para concluir: “Antes da época dos flagrantes fotogrâficos, o grande pintor Tissot mostrou-nos o que acreditava ser a reencarnação de uma mulher amiga, acompanhada do seu Espírito-guia; é uma bela pintura, onde ele reproduziu a impressão de verdadeira beleza, recebida numa sessão espírita. Os métodos mais rigorosos, que hoje se usam, já não permitem essas sublimações do testemunho visual: as câmaras fotogrâficas mostram as coisas como elas se passam. E vemos que essas figuras e rostos materializados começam pequenos e às vezes desproporcionalmente. Quaisquer que possam ser essas figuras e faces achatadas e amarfanhadas, não são, certamente, materializações em carne e sangue humano”.

Richet escreveu o *Traité* sem aceitar a tese espírita, mas contudo jamais cometeu a heresia de dizer que as materializações eram fantoches amarfanhados. Encontramos no *Traité* essa mesma cabeça de que se servem os Wells e Huxley, mas apresentada em outro sentido, ou seja, no bom e verdadeiro sentido que se lhe deve dar: como uma das mais belas fotografias já obtidas, revelando e documentando, de maneira insofismável, uma das fases do processo de materialização. Não tivéssemos essa e outras fotografias obtidas por Notzing e madame Bisson, e esses mesmos ilustres cavalheiros nos acusariam de não havermos surpreendido jamais uma das fases daquilo que chamamos “processo de materialização”. Não teriam dúvidas em utilizar esse fato como argumento “poderoso” contra a teoria da formação progressiva do fantasma, com a matéria plástica do ectoplasma ou teleplasma.

Perguntaremos, porém, a esses ilustres divulgadores do conhecimento, se não tiveram a oportunidade de ver outras fotografias, como a médium Linda Gazzera, constantes do seu livro *Fotografias de Fantasmas*, no qual elas figuram, não através de

clichês, mas nas próprias cópias fotográficas, para que não haja dúvidas.

Mais vale um pássaro na mão

Essas fugas pela tangente representam o método mais freqüente de combate ao Espiritismo, inclusive por parte dos materialistas dialéticos. Para os observadores serenos e sensatos, bastaria essa insistência na deturpação dos fatos e na distorção do raciocínio, para comprovar a seriedade e a importância desses mesmos fatos. Aliás, ainda com Engels, encontraremos o argumento mais apropriado: “A única questão consiste em saber se o pensamento está ou não certo, e o desprezo pela teoria é, evidentemente, a maneira mais segura de se pensar de maneira naturalista, e, conseqüentemente, de modo errado.”

Engels não ficaria mal nas fileiras espíritas. De fato, ele via bem estes problemas. O desprezo pela teoria espírita, única que pode explicar os fenômenos, tem levado esses homens a trair a dialética a todo momento, entrando a fundo e às cegas pela Sofisticaria. A punição da dialética, porém, não se faz tardar. Os que pensam de maneira naturalista, voltando as costas à teoria, terminam de encontro à parede, com a espada do ridículo no peito. Porque a “maneira naturalista de pensar”, a que Engels se refere, é a do pensamento a priori, instintivo, que não provém da razão orientada pelo processo da civilização, mas da herança comum e obscura do passado biológico da espécie. Age por meio de impulsos mecânicos, é um automatismo inconsciente. Dir-se-ia, diante das suas manifestações, que o homem tem a vocação da fuga. Como a lebre, colhida de surpresa na beira da estrada, precipita-se no mato, assim o homem, colhido na sua posição materialista pela surpresa dos fatos supranormais, precipita-se no matagal das lembranças ancestrais. Improvisa teorias e fabrica rótulos com a desenvoltura inconseqüente da avestruz ao enterrar a cabeça na areia. Comete, com uma confiança absurda na impunidade, o crime da desfiguração da verdade, ou passa apenas a negar, indiferente a todas as provas e argumentos, como a crian-

ça teimosa que não quer ver a louça quebrada. É o outro lado da credence, o reverso do fanatismo religioso.

Por isso, o médico Sergio Valle nos lembra, no livro *Silva Mello e os Seus Mistérios*, recentemente publicado: “Enquanto não se realize o *fiat* da ciência (que se mantém, teimosamente, orgulhosa e cega), para iluminar os fatos que possuímos, não é justo que uma criatura sensata despreze o que se acha detido, seguramente detido nas suas mãos, por mínimo que seja, pelo que voeja no espaço do fanatismo religioso ou do fanatismo científico”.

Interpretação do homem

O homem, segundo o materialismo, seja ele mecanicista dialético, é um animal pensante. Para Marx, e portanto para o dialético, é ainda o resultado da ação simultânea do trabalho, sobre ele e a natureza. Agindo sobre o meio em que vive, trabalhando-o, ele se modifica a si mesmo. Essa concepção materialista do homem não se enquadraria na doutrina de nenhuma das religiões corporificadas em igrejas. O Espiritismo, entretanto, não a contradiz. Apenas a amplia, ensinando que o princípio inteligente, no homem como no animal, independe do corpo. E por isso é condenado e combatido, ao mesmo tempo e por todos os lados, pelos religiosos e pelos materialistas.

No capítulo III de *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, encontramos esta definição: “O trabalho é lei da natureza, por isso que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais porque lhe aumenta as necessidades e os gozos.” Logo adiante: “Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência.”

A lei de causas e efeitos é o princípio fundamental da doutrina, a evolução constitui a sua própria essência. Por outro lado, não se estruturou o Espiritismo através de formulações hipotéticas. Todo o seu edifício doutrinário se assenta na observação e na experimentação. Richet, que condenava a “credulidade excessiva” de Kardec, já o notara, no *Traité*. Dialético por natureza,

em essência e pelos métodos que emprega, o Espiritismo, se bem estudado, revela-se o legítimo e natural herdeiro do título a que se candidata o materialismo dialético: síntese do conhecimento.

Realmente, o Espiritismo, diante dos mundos em litígio do materialismo e do espiritualismo, não peca por exclusão, não comete o pecado proudhoniano ou marxista da escolha. Na sua estrutura encontraremos aquelas duas concepções, não apenas conjugadas ou ajustadas, mas superadas na transfiguração de um novo corpo – a síntese –, em que a ciência, a filosofia e a religião, as três províncias antagônicas do conhecimento, aparecem encadeadas no verdadeiro “processus” da mais pura dialética, uma resultando da outra.

No *Anti-Dühring*, Engels lembra as origens do marxismo e expõe a doutrina como a seqüência lógica destas fases: a filosofia, a economia-política e o socialismo. No Espiritismo, a seqüência se tresdobra na ciência, na filosofia e na religião. Partindo da observação e da análise dos fenômenos materiais, de natureza supranormal, criamos a filosofia do ser, e atingimos, logo a seguir, a religião. Esta, porém, não se traduz na organização de uma nova igreja, de um novo culto, de um novo “suborno da divindade”. Nem se traduz no antropomorfismo socialista, erguido no altar da produção. Mas é, ao mesmo tempo, a comunhão de bens, de corações e de espíritos, pela qual todos ansiamos, espiritualistas e materialistas, para a construção do mundo melhor amanhã.

Porque o homem, para o Espiritismo, não é apenas “o último anel da vida animal na terra” (*A Gênese*, Kardec), nem o produto quase exclusivo da ação simultânea do trabalho; mas também aquele ser que se mostra nos fenômenos de materialização, de aparição, de visão, de voz direta, de incorporação, de psicografia ou de tiptologia, para demonstrar “aos que ficaram” que ele não se extinguiu com a morte, e que o seu conteúdo moral continua a viver e a se desenvolver indefinidamente, na multiplicidade das formas, sem prejuízo da identidade substancial.

O velho e o novo

É evidente que o conhecimento da sobrevivência alarga a concepção humana da vida e do mundo, muito além dos limites terrenos ou orgânicos da concepção materialista. Oliver Lodge classificou o Espiritismo de “nova revolução copérnica”. Assim como Copérnico rompeu de vez o ergástulo mental do geocentrismo, a revolução espírita desloca dos organismos materiais o conceito de vida, rompe o organocentrismo da biologia moderna e reduz a uma simples confusão do efeito pela causa o chamado “materialismo-psicológico”.

Em consequência, leis e perspectivas novas aparecem, exigindo verdadeira revisão dos conhecimentos do homem e do seu modo de encarar a vida e o mundo. Mais uma vez nos deparamos com a luta clássica entre o velho e o novo tão bem definida no Evangelho do Cristo e nas obras de Kardec.

Vagas aspirações

Alegam os mais ferrenhos materialistas que o conhecimento da sobrevivência – se de fato ela existisse – não serviria senão para perturbar a visão presente do homem, desviando-o da execução pura e simples das tarefas imediatas. Kardec, que condenou a vida contemplativa, e pregou a necessidade da ação contínua, dando o exemplo concreto da sua própria vida de militante espírita, replica: “...a incerteza, no tocante às coisas da vida futura, faz que o homem se lance, com uma espécie de frenesi, sobre as da vida material.”

A réplica de Kardec não exige demonstrações. A vida moderna, baseada no materialismo prático do mundo capitalista, vale por uma experiência natural, em escala de assombro. Nunca se viu tamanho frenesi na procura dos bens materiais. A advertência de Bacon: “Busca primeiro as boas coisas do espírito, que o resto será suprido ou não sentirás a sua falta”, com base naquela do Cristo: “Busca primeiramente o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais te será dado por acréscimo”, não soa no coração,

mas apenas nos tímpanos desatentos do homem moderno. Diante disso, poderíamos esperar do materialismo teórico ou filosófico uma nova aplicação do princípio de Hahnemann, – *similia similibus curantur* – para curar o mundo desse delírio febril?

Kardec diz ainda: “Esse é o inevitável efeito das épocas de transição. O edifício do passado rui, sem que o do futuro esteja construído. O homem é como o adolescente, que não tem mais a crença ingênua dos primeiros anos e não adquiriu ainda os conhecimentos da idade madura. Não possui mais do que vagas aspirações, que não sabe definir.”

A sociedade socialista, baseada na filosofia materialista mais avançada, terminaria atormentada por essas “vagas aspirações” de que nos fala Kardec. E mais uma vez surgiria, no seu próprio seio, a luta entre o velho e o novo. A hipótese não é gratuita, pois para tal não acontecer, seria necessário que não existisse uma vida futura, que a sobrevivência não fosse uma das realidades do Universo.

Da especulação à experimentação

Mas Kardec não fala “por ouvir dizer”, ele não foi jamais um homem levado pela imaginação: foi um observador rigoroso. E é através da mais pura dialética que nos explica a razão dessas vagas aspirações.

“Se a questão do homem espiritual permaneceu até os nossos dias em forma de teoria, é que nos faltaram os meios diretos de observação, que tivemos para constatar o estado do mundo material, e o campo ficou aberto às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria e não pôde aplicar o método experimental, errou de sistema em sistema, no tocante ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. Deu-se na ordem moral o mesmo que na ordem física; para determinar as idéias faltou-nos o elemento essencial: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria foi obra dos dois últimos séculos. Até o presente, o

estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, tem sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo é inteiramente experimental.”

Chegados a este ponto, defrontamo-nos com o aspecto mais crítico da hora presente. De um lado, temos em marcha, com indiscutível eficácia, a aplicação do método dialético à história, à política, à sociologia etc., como a mais alta conquista do espírito no terreno prático e objetivo. De outro, o abuso, que perdura, do método empírico, nas questões espirituais, com as conseqüentes explorações e deformações da realidade. E no meio, lutando entre as duas correntes, ambas poderosas, o Espiritismo, que não pode trair a realidade espiritual, para endossar a aplicação materialista da dialética, e não pode trair a sua própria natureza dialética, para apoiar o empirismo da prática espiritual. O resultado, infelizmente, é o que vemos: ele também, o Espiritismo, deformando-se, no aspecto sectário e místico de uma nova religião, ou na estrutura fria e materialista da simples observação metapsíquica.

Todo o esforço do homem moderno tem de convergir para a superação dessa tremenda crise do conhecimento. E a superação somente se fará possível com a compreensão dos verdadeiros princípios do Espiritismo como doutrina dialética, por isso mesmo capaz de aplicar à história, à política, à sociologia, à economia, à arte, os seus métodos de análise, de observação, de pesquisa, sem se perder na mística de confessorário, nem se confundir com o tumulto dos comícios subversivos. Além do misoneísmo das religiões, do reformismo do socialismo político-liberal e da violência do materialismo-dialético, o Espiritismo indicará ao homem o caminho seguro das transformações substanciais da vida social, ou perderá a sua razão de ser. Como esta última hipótese não nos parece possível, o mais certo é que a história nos esteja empurrando, segundo observa Mariotti, apesar da incapacidade geral e desoladora dos espíritas de hoje, na direção do Espiritismo Dialético, verdadeira síntese do conhecimento, com que nos acena Kardec.

Humberto Mariotti afirma que “a realidade visível” da ação espírita no mundo se traduz no cultural, e “mais do que em

qualquer outra parte, no bibliográfico”, faltando-lhe, entretanto, entrosar-se “no processo histórico da humanidade”. Esse entrosamento se faz pela penetração nas massas através do seu aspecto “ingênuo”, de seita religiosa. Mas, se não houver, neste momento, a ação da alavanca da filosofia espírita, salvando o Espiritismo da “ingenuidade popular” e transformando-o, não mais em simples crença, mas em conhecimento, o processo natural desse entrosamento pode ser desvirtuado, pelo trabalho de sapa das forças contrárias.

Aos espíritas, portanto, cabe o dever indeclinável de lutar para que esse entrosamento se realize. A bibliografia espírita – “quicá insuperável pela de qualquer outro movimento filosófico” – deve descer das estantes e penetrar nas massas, não para se submeter à “ingenuidade” destas, mas para orientá-las no sentido da sua libertação moral, espiritual, intelectual e social. Para tanto, é necessário um novo trabalho de elaboração, de aglutinação, de sistematização do conhecimento espírita, na forma de compêndios culturais e de manuais populares.

O aspecto religioso ou “ingênuo” do Espiritismo salvou-o da indiferença e da hostilidade conjugada de todas as forças dominantes dos séculos XIX e XX, escondendo-o no coração do povo, onde ele viveu e progrediu em silêncio, e permitindo, ao mesmo tempo, o trabalho cultural dos intelectuais espíritas. Temos hoje uma população espírita no mundo, e temos uma cultura espírita. Mas não temos a sociedade nem a civilização espíritas, como observa Mariotti, e nem mesmo a necessária e prévia ligação entre as massas espíritas e a cultura espírita, para a criação daquelas. Estamos, porém, no caminho dialético do desenvolvimento de uma nova civilização, e se compreendermos isso, lutando para alcançar o futuro, chegaremos até lá.

Humberto Mariotti fez uma concessão de boa-vontade ao “pensar naturalista” quando deu ao seu livro o título de *Dialética e Metapsíquica*. Porque o título verdadeiro do volume seria o de *Espiritismo e Dialética*. Evitou assim assustar a lebre na beira da estrada. Não se iludam, porém, os espíritas, mormente os espíritas brasileiros, tão afeitos a deixar de lado o que foge ao aspecto religioso da doutrina. As páginas de Mariotti não se referem

apenas a uma controvérsia filosófica entre as duas doutrinas que lhe formam o título eventual. Elas são, pelo contrário, um brado de alerta e um convite sério à meditação e ao estudo. Principalmente ao estudo da natureza dialética do Espiritismo e das possibilidades imediatas da sua aplicação ao mundo – para transformá-lo.

Situações novas

Essas possibilidades se tornam cada vez mais visíveis, graças ao aceleração do processo histórico no século atual (XX). A teoria marxista da luta de classes, comprovada pelos fatos, caminha, entretanto, dentro das novas condições da evolução técnica e do progresso científico, para formas inteiramente novas. A idéia da revolução proletária já não parece tão nítida e precisa como nos fins do último século e nos princípios deste. Os derradeiros movimentos revolucionários, inclusive o maior deles, a revolução chinesa, apenas teoricamente se basearam no proletariado. As forças em luta foram antes populares do que proletárias, e não somente no conjunto da massa, mas também nos organismos dirigentes. Por outro lado, nos países de maior desenvolvimento industrial, ao contrário do que pressupõe a tese marxista, a revolução proletária se torna mais difícil, como nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Alemanha, na França, na Itália. Nos três últimos, o Partido Comunista tem crescido, não em virtude das condições específicas da vida proletária, mas das condições gerais, com indiscutível predominância da situação camponesa e da pequeno-burguesa.

Podemos perguntar, diante disso: Onde se encontra a “consciência de classe” do proletariado norte-americano ou do inglês – este o mais antigo e o mais impenetrável ao marxismo –, para o golpe de libertação no capital acumulado em escala jamais vista? As condições sociais evoluem com rapidez vertiginosa. Os progressos da técnica, aliados ao desenvolvimento intelectual e psíquico do homem, geram situações inteiramente novas, e os marxistas se esquecem dos princípios dialéticos da sua própria filosofia, continuando apegados a dogmas já superados pelo

processo histórico. Pietro Ubaldi, em *A Grande Síntese*, emite este conceito, que os materialistas dialéticos deviam meditar: “Se a luta foi, a um tempo, de natureza física, hoje é econômica e nervosa, e amanhã será espiritual e ideal, muito mais digna de ser travada.”

O choque apocalíptico

Marx viu, na sua época, a necessidade de construir-se uma filosofia de classe para o proletariado, a fim de que este, tomando consciência da sua missão histórica, se colocasse à altura da mesma. A filosofia foi construída e tornou-se um dos grandes momentos do conhecimento humano, mas o proletariado não a absorveu, senão em doses mínimas. Criou-se, por isso mesmo, a teoria das “minorias dirigentes”, e o exemplo do bolchevismo, na Rússia, tornou-se clássico. As minorias, entretanto, só podem vencer, não pela violência, mas pelo excesso de violência, e só podem manter o seu domínio pela opressão crescente. O tempo se encarregou de mostrar-nos quanto estas duras realidades colocaram o sonho do socialismo científico distanciado das suas raízes revolucionárias.

Surge, assim, uma nova situação mundial. As minorias marxistas criam as potências orientais, enquanto as minorias capitalistas se entrincheiram no ocidente. O nosso grão de areia é dividido nos hemisférios antípodas que hoje se digladiam, ameaçados de mútua destruição, pelas perspectivas da guerra atômica. Para lutar contra o imperialismo, contra os trustes imperialistas, a Rússia Soviética teve também de construir o seu próprio poder imperialista, criar o seu estatismo absorvente. O que Marx não previa aconteceu.

A violência dirigida, metódica, intencional, revelou-se fonte inesgotável de novas formas de violência, em escala incalculável. E a força das idéias mostrou-se mais poderosa do que a própria luta de classes, mais criadora e destruidora do que os próprios antagonismos da produção capitalista. A lei da “negação da negação” lançou-se, como o monstro Frankenstein, contra

o próprio criador, pois o idealismo marxista superou de muito, na sua própria aplicação, a realidade proletária dos princípios do século. O marxismo negou-se a si mesmo, para dar nascimento ao poder proletário, face a face com o poder capitalista. Não são, por acaso, a tese e a antítese da dialética hegeliana que se defrontam, neste momento, em proporções apocalípticas, no panorama internacional? E a síntese não virá do novo choque mundial, já em pleno desenvolvimento?

Hora de libertação

Essa conclusão tem de ser a seguinte: os marxistas cometeram um dos grandes equívocos da história, ao oferecerem à força a resistência de outra força. Não é do choque dos “semelhantes”, mas dos “contrários” que resulta o progresso, e os “contrários” não são determinados pela forma, pela aparência, mas pela substância.

A forma proletária da violência não modifica a substância mesma da violência, e os “contrários”, traduzidos apenas numa expressão formal, não podem produzir o progresso substancial. Por outro lado, o proletariado não é uma substância, mas uma eventualidade, pois a divisão da sociedade em classes é artificial. Armandando-se o proletariado de poderes semelhantes aos da burguesia, transformamo-lo em massa burguesa, da mesma maneira por que esta, em muitos países, inclusive o nosso, armada com os poderes do feudalismo, tornou-se um poder feudal, a antítese da burguesia francesa que derrubou a Bastilha. Pois o homem é o mesmo, numa classe como noutra, e a influência das condições sociais não tarda a se fazer sentir, na sua atitude perante a sociedade. Esquecer a substância humana no processo econômico é fugir para a abstração de uma economia autônoma, solta no espaço e no tempo. Nem foi por outro motivo que a jovem revolucionária polonesa Larissa Reissner, a grande autora de *Homens e Máquinas*, ao ver os seus antigos camaradas transformados nos comissários econômicos, verdadeiros “negociantes oficiais do partido”, temeu pelo naufrágio da revolução no

pântano burguês e preferiu deixar o território da revolução para voltar ao inferno da sua gênese, na Alemanha burguesa.

Nesta altura, poderíamos surpreender o sorriso irônico dos materialistas-dialéticos, a nos perguntarem: “Mas o que deveríamos então, opor à força e ao poder do capitalismo?” Não, não responderemos “o que deveriam”, pois palavras foram deturpadas, perderam o seu verdadeiro sentido, e não queremos que os interlocutores, mesmo imaginários, nos dêem as costas sem mais aquela. Responderemos que tudo quanto se fez até agora tinha de ser feito, estava nas linhas do determinismo-histórico, na exigência das próprias condições sociais, não poderia fugir às contingências de um mundo em fermentação, impulsionado pelo instinto e pela paixão. Voltemos a Ubaldi, que mais uma vez nos esclarece o problema: “Não sois ainda uma sociedade, mas apenas uma grei, um desencadeamento de forças psíquicas primordiais, explodindo confusamente.”

Mas responderemos, também, que a hora chegou – e agora é – em que as coisas devem tomar novo rumo. Esse rumo o Espiritismo aponta com clareza, a todos os que tiverem “olhos de ver”. É o rumo do Espírito, da solução espiritual, e só ela nos livrará do torniquete da força contra a força, da violência contra a violência, do jogo cego e inconstante do poder material. Ruskin, Tolstói, Tagore e Gandhi avultam neste momento da história humana.

O indivíduo e o meio

Alguns espíritas não compreendem esse imperativo histórico da doutrina. Pensam que a lei de causa e efeito explica e resolve todas as coisas, cabendo-nos apenas compreendê-la e aceitar passivamente a sua ação. Esse pensamento misoneísta, de fundo místico, aparece até mesmo em *A Grande Síntese*, o livro de Ubaldi, que já citamos algumas vezes, e que comete ainda o pecado filosófico de confundir o comunismo científico de Marx e Engels com o comunismo igualitário e ingênuo de Weitling. Outros entendem que a revolução espírita é essencialmente

individualista, cabendo-lhe transformar o homem, para que a estrutura social, em conseqüência, se transforme. É novo equívoco de fundo místico, e Mariotti o menciona, chegando mesmo a tropeçar nele.

Kardec nos indica, entretanto, a necessidade do contínuo esforço do homem para se superar a si mesmo e às circunstâncias. A passividade diante das leis naturais caracteriza as formas inconscientes de vida. A consciência está submetida a uma nova lei, em plano mais alto: a lei do esforço próprio, a lei do trabalho e da atividade livre, que a fará progredir, a si mesma e ao todo a que pertence, à coletividade. Em *O Livro dos Espíritos* encontramos esse pensamento claramente definido, impregnando toda a obra, e podemos surpreendê-lo em passos como o seguinte: “Tudo se deve fazer para chegar à perfeição, e o próprio homem é instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins. Sendo a perfeição a meta da natureza, favorecer essa perfeição é corresponder aos propósitos de Deus.” (pergunta 692).

Kardec não é misoneísta. Deus, para ele, é sinônimo de incessante atividade na direção do bem, é o constante “vir-a-ser” do Universo, atuando por todos os meios e por todas as formas, para atingir o objetivo ideal. Vejamos, por exemplo, o seguinte trecho do seu comentário ao número 783 de *O Livro dos Espíritos*: “O homem não pode conservar-se indefinidamente na ignorância, pois tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, germinam durante séculos. Depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que já não se encontra em harmonia com as necessidades novas e as novas aspirações.”

A renovação do homem implica a renovação social – mas desde que o homem renovado se empenhe na transformação do meio em que vive, sendo esta, aliás, a sua indeclinável obrigação espírita. Ora, quereremos ficar no conceito de uma renovação puramente individualista seria um contra-senso, simples ignorância da estrutura social como um todo. Que diríamos de um pedreiro que, para embelezar um edifício, não cuidasse do seu aspecto de conjunto, mas somente de cada um dos tijolos, isola-

damente? E quem poderia negar, dentro da concepção espírita, que o homem não é um indivíduo abstrato, mas parte integrante do todo social, sobre o qual exerce a sua influência e pelo qual é influenciado, resultando, dessa constante simbiose, a sua evolução e a evolução coletiva? Como, pois, isolarmos o homem, para que o Espiritismo o trabalhe no espaço, independentemente das suas raízes gregárias?

A função do Espiritismo é a renovação integral do homem, não apenas do homem na sua expressão individual e transitória, mas na sua permanente expressão coletiva. A propósito, aliás, poderíamos lembrar aos defensores do pensamento isolacionista, a lei maior do Evangelho, que é a do amor ao próximo. Não conheceriam eles o poder do ambiente sobre os indivíduos, mormente sobre os menos evoluídos? Não saberão que as influências mesológicas determinam, quase sempre, o próprio caráter individual? Não perceberão que uma vida social mais equilibrada, e portanto mais justa, será o grande e permanente estímulo do progresso individual?

Por uma consciência humanista

Se a experiência nos mostra que a formação de uma “consciência proletária” é praticamente inviável, pois, entre outros motivos, a própria revolução proletária vem sendo impulsionada e dirigida por forças estranhas ao proletariado; não somente desde os seus pródromos, mas ainda, hoje, e cada vez mais; se nos mostra que a “filosofia do proletariado” não consegue atraí-lo e empolgá-lo mais do que a demagogia fascista ou o diversionismo democrático dos países capitalistas mais altamente industrializados; se nos revela ainda que a vitória das chamadas “minorias conscientes” cria novos e violentos antagonismos internacionais, cada vez mais agressivos, é evidente que só nos resta procurar uma saída humana, e não proletária nem burguesa, para essa terrível situação. A saída não será a da submissão, a do pescoço entregue mansamente à canga, mas não será também a da violência e a da força.

Se Marx reconhece no proletariado o potencial revolucionário, que a sua filosofia devia armar da necessária orientação para a luta, e se essa orientação só seria possível através da criação da “consciência de classe”, não teremos, nesse mesmo fato, o exemplo e a indicação do que nos cabe fazer? A massa que hoje se depara à nossa frente, explorada e sofredora, não é apenas o proletariado, mas essa multidão heterogênea, que se chama povo, humanidade, e que as classes dividem de maneira formal, mas não substancial. Ao mesmo tempo, a situação das classes dominantes é de angústia e desespero, pesando sobre elas as consequências morais inevitáveis do usufruto indevido e da exploração dos semelhantes. O capital, o dinheiro, o poder, as comodidades, não bastam para salvá-las e, pelo contrário, cada vez mais as precipitam no pântano da corrupção moral e social.

Diante disso, cabe-nos repetir o gesto de Marx, oferecendo agora uma filosofia, não a esta ou àquela classe, mas a toda a humanidade, para armá-la da orientação necessária, através da criação de uma “consciência humanista”. Entreguemos essa filosofia de libertação, essa arma de defesa moral, esse instrumento de luta social, ao homem de todas as latitudes e de todas as classes, e trabalhemos pela criação da “consciência humanista” nos indivíduos em particular e no meio social em geral.

Elevar a Terra na escala dos mundos

Não nos iludamos, porém, quanto aos métodos de ação que devemos empregar. Simples evangelização ou catequização, nos moldes religiosos, não dará resultados, porque nos amarram, pelo contrário, às antiquadas formas sectárias, que proliferam por toda parte e criam divisionismos estéreis e perigosos. O Espiritismo tem de descobrir a sua própria maneira de agir, tem de forjar as suas próprias armas, inteiramente novas, tão diferentes das usadas pelo processo do religiosismo clássico quanto pelo materialismo-dialético. Talvez nesta altura nos pudessem servir de “pontos-de-referência” algumas longínquas tentativas históricas, como a de comunidade apostólica, de que nos dá notícia *O Livro de Atos*, ou ainda as recentes colônias de produção do

Estado de Israel. O certo, porém, é que precisamos estabelecer os fundamentos sólidos e definidos do Espiritismo Dialético, aplicando-o, no plano sociológico ou histórico, rumo à sociedade futura.

Ele mostrará, com base na experiência secular e no estudo objetivo da natureza humana, do homem psicológico, que não se pode construir um mundo social harmônico através da violência social, mas tão-somente do desenvolvimento do espírito coletivista de cooperação. E que a sociedade, como o homem – sem cairmos rigidamente no organicismo spenceriano –, tem as suas fases evolutivas bem definidas, que não poderemos deixar de considerar, pois Engels já nos ensinou que não despreziáramos impunemente a dialética.

Assim, se aquilo que o homem só podia resolver pelo emprego da força bruta, no seu estado primitivo, consegue fazê-lo pelo raciocínio e pela técnica, no estado de civilização, também a humanidade, superada a fase primitiva da sua elaboração social, pode caminhar, sem o uso da violência brutal e instintiva, para a revolução coletivista. Isso não quer dizer que a luta não se processe, que tenha sido interrompida no seu organismo, e que tenhamos de esperar o advento espontâneo da nova forma social, mas apenas que a luta se desenvolve de maneira diversa, em plano mais alto, como bem o definiu Ubaldi.

Aproveitemos, pois, a oportunidade que Humberto Mariotti nos oferece, com a sua “interpretação espiritual da dialética”, para meditarmos sobre esses assuntos e buscarmos a forma que nos falta de oferecer ao mundo a solução espiritual do problema social. De fazermos, enfim, que o Espiritismo cumpra a sua missão histórica, vencendo a crise que o reduz, no momento, a uma luz bruxuleante em meio de densas trevas, a uma espécie de simples refúgio individual para as decepções e para as aflições humanas. Pois o seu destino, como assinalou sir Oliver Lodge, não é apenas o de consolar corações desalentados, mas o de rasgar para o mundo as perspectivas de uma nova era. Se a fé dogmática determinou o fanatismo religioso da Idade Média, com suas fogueiras sinistras, a fé raciocinada criará o positivismo religioso do terceiro milênio, com as piras da fraternidade

acesas em todos os quadrantes do planeta. Porque, como já o dissera Kardec, a tarefa do Espiritismo é a de elevar a Terra na escala dos mundos, transferindo-a da categoria expiatória para a de Mundo Regenerador.

J. Herculano Pires

Advertência **(da edição original)**

Os dísticos que principiam os capítulos I, III, IV e V desta obra pertencem às páginas 23, 24 e 25 da obra *Materialismo Dialético*, do Dr. Emílio Troise, livro onde este ilustre filósofo expõe os princípios do materialismo dialético e no qual, ao referir-se às condições fisio-psicológicas do conhecimento, vê-se obrigado a focalizar o problema da psicologia supranormal e, conseqüentemente, a dar uma interpretação da ciência espírita.

Sem entrar, no momento, no mérito do aspecto filosófico do livro de que nos ocupamos, limitar-nos-emos tão somente a comentar – para não dizer refutar – alguns dos conceitos que sobre a filosofia espírita emitiu o Dr. Troise, os quais, segundo nosso modo de ver, não correspondem à realidade filosófica dessa escola, além de não resistirem à análise de sua lógica, de vez que tudo quanto diz, de referência à interpretação dos fenômenos metapsíquicos, corresponde aos argumentos de sempre, os quais o materialismo filosófico vem expondo desde as primeiras oposições feitas à interpretação espiritualista do homem e da história.

Apesar do presente esforço – fruto de nosso amor à filosofia do Ser – realizado nestas páginas, a fim de que sobre a doutrina espírita não caia nenhuma tergiversação de ordem ideológica ou filosófica, sabemos, por outro lado, que só a ação do tempo dará razão definitiva ao pensamento espírita, pois, no que concerne à verdadeira origem dos fatos supranormais, até certo ponto as disputas serão quase que improdutivas. No campo clássico do problema, as discussões foram, por assim dizer, diárias e travadas entre contendores de grande valor intelectual, se recordarmos as polêmicas de René Sudre com Ernesto Bozzano, de Charles Richet com Gustave Geley, de Léon Chevreuil com vários membros do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris. Nada obstante, fácil é dar-mo-nos conta de que, posto tais polêmicas tenham contribuído muito para a formação de uma cultura metapsíquica, nada foi obtido que pudesse, em definitivo, resolver o

magno problema. Bom grado, mau grado, é preciso reconhecer que a observação dos fenômenos metapsíquicos está ligada ao ser espiritual e moral do investigador. Por esta razão, enquanto este continuar dedicado a tais fenômenos com as mesmas idéias de sempre, a verdade metapsíquica, que é independente de todo princípio dogmático e científico, por largo tempo ficará estacionária e oculta.

No dia em que o materialismo dialético alcançar a interpretação espírita dos fatos supranormais, quanto em sua filosofia mudará o valor ético, espiritual e social do homem! E, enquanto tal não acontece, confiemos decididamente em que essa hora não esteja muito distante.

Porque o conhecimento dialético, que, em última análise, não é senão um *conhecimento desmaterializado*, por sua própria concepção dinâmica do mundo, desembocará, por isso mesmo, na realidade espiritual da ciência espírita.

Se a seu tempo a dialética materialista chegou a negar o pensar metafísico, porque apriorístico, em compensação hoje, se se ativer às conclusões da física moderna, não se poderá negar o conhecimento metapsíquico, que, longe de ser inexperimental, é experiência pura em todas as ordens e em todas as zonas do Espírito.

Humberto Mariotti

Advertência (à edição brasileira)

Dialética e Metapsíquica, escrito há dez anos, com ardor juvenil e de polêmica, tem, ainda, a missão de mostrar aos materialistas céticos e incrédulos que a doutrina espírita continua sendo a única força científica, filosófica e religiosa que poderá barrar o presente avanço do materialismo, quer seja este mecanicista, dialético ou histórico e, ao mesmo tempo, demonstrar que a teoria do paralelismo psicofisiológico, ante os fatos espíritas e metapsíquicos, já se tornou inadequada para uma exata interpretação do homem, da história e do universo.

Este livro é um retorno ao pensamento espiritualista. E o único propósito que o move é o de mostrar que o homem é uma entidade espiritual, eterna e indestrutível, chamada a grandes progressos espirituais e cósmicos, mediante a fecunda lei dos renascimentos.

Representa, ainda, uma introdução ao pensamento contemporâneo, o qual procura desesperadamente uma sólida e veraz concepção filosófica e religiosa da existência, mas sem podê-la encontrar, pois a verdade que busca não pode ser realmente objetivada. E hoje as teses hipotéticas tornaram-se falíveis e improdutivas, devido à grande experiência espiritual vivida pelo espírito humano e a cultura a partir da Primeira Grande Guerra, a qual originou a presente derrocada da civilização.

Apesar disso, hoje se busca o Espírito, não como uma teoria metafísica, mas como uma realidade viva e desmaterializada, porque se deseja saber, de uma vez por todas, o que são o homem e a história: se seres para o nada, a *morte eterna*, como sombriamente afirma o existencialismo, ou se entidades vivas e reais, destinadas à *vida eterna* do Espírito. Entretanto, somente quando o atual pensar existencialista reconhecer as realidades espíritas e metapsíquicas, sem se amoldar a qualquer restrição dogmática, é que poderá dar formas a um novo humanismo cristão – que em outro lugar denominamos humanismo do Espírito encarnado – vigorosamente firmado sobre a existência

positiva do Espírito, tal qual o demonstra o trabalho fenomenológico espírita e metapsíquico.

Todavia, enquanto o pensamento religioso e filosófico de nossos dias não chegar a encontrar o Espírito, por meio desse trabalho fenomenológico supracitado, a cultura estará em constante perigo e a vida espiritual das nações jamais conseguirá demonstrar o heroísmo moral e a verdadeira vida do Cristianismo. Porque, se quiser sair do drama em que o colocaram certos teóricos, terá o Cristianismo que afirmar sua eterna divindade mediante as grandes manifestações espirituais, bem entendido, desse tipo superior de Espiritismo científico, filosófico e religioso. Assim, aqueles que se deram ao trabalho de rebaixá-lo, desnaturando-o, saberão que o Espiritismo constitui uma continuidade histórica e divina do Cristianismo, isto é, a terceira etapa da Revelação no ocidente.

Com efeito, só uma concepção espiritual do homem e do Espírito, tal como a apresentam Kardec, no religioso e social, e Geley, no científico e natural, conseguirá refazer os caminhos da civilização e da cultura e poderá conduzir o ser humano ao verdadeiro cumprimento da Lei de Adoração, proclamada pelos grandes seres que moram nos mundos invisíveis.

O materialismo – e com ele todas as religiões que tiraram o homem do nada (daí serem sempre religiões materialistas) – engendra a morte espiritual da pessoa humana; em compensação o Espiritismo descobre e revela a lei espiritual da vida eterna vencendo a morte. Por isto disse Allan Kardec: *“O Espiritismo matou o materialismo com os fatos. Ainda mesmo que não tivesse produzido outros resultados, a ordem social deveria ser-lhe grata”*.

Com estas nobres palavras do grande iniciador francês, colocamos este pequeno livro nas mãos da Édipo, esta louvável casa editora que conta com Júlio Abreu Filho entre os seus infatigáveis propulsores.

Oxalá suas intenções brotem no amado solo brasileiro e ajudem os homens de boa vontade na difícil tarefa de propagar a verdade espírita. E que a América se una, amparada pelo mundo

invisível, e que os espiritualistas em geral projetem sobre sua estrutura psíquica o fluido sagrado da fé e do progresso: eis o anelo de meu livro, que só deseja a vitória da liberdade e do Espírito.

Humberto Mariotti

Buenos Aires, novembro de 1950.

I

A ciência espírita não é seita, nem religião ou filosofia ingênua

“O espiritismo, que foi inicialmente, e continua senão, para a grande maioria de seus adeptos, um seita, misto de religião e de filosofia ingênua, ...”

Julgar a ciência espírita como “uma seita, misto de religião e de filosofia ingênua” é desconhecer sua envergadura filosófica, seu movimento ideológico, seus homens mais representativos e, ainda, sua imensa bibliografia que, atualmente, constitui toda *uma cultura nova* sobre os problemas do Espírito.

A ciência espírita não é filosofia ingênua, desde que não apresenta noções ingênuas sobre a *espiritualidade* do homem; nem ingênuo é o seu raciocínio filosófico, uma vez que, por seu caráter experimental, mais do que qualquer sistema metafísico, está em condições de inquirir cientificamente sobre o conhecimento do Ser, que sempre foi tratado exclusivamente de maneira esquemática. É com razão que foi chamada, conjuntamente com a metapsíquica, a *Ciência da Alma*.

Referindo-se à distinção feita entre as “ciências da natureza” e as “ciências do espírito”, disse José Ingenieros: “*Os cultores mais leais das “ciências do espírito” são os espiritistas. ...*”² Acontece, entretanto, que essa lealdade espírita foi, quase sempre, confundida com as práticas imorais de certos indivíduos que, amparando-se na ciência espírita, realizaram as mais mesquinhas práticas espiritualistas, que a crítica não soube de pronto deslindar, fosse por hipocrisia, fosse pelo desconhecimento dos seus verdadeiros fundamentos.

Com efeito, se o Dr. Troise julgou daquele modo o Espiritismo, por efeito da ação nefasta dos *espiriteiros*,³ errou o seu caminho. A ciência espírita é um conhecimento da vida que jamais poderá produzir fanáticos místicos nem exploradores da credulidade popular, verdadeira fonte da filosofia ingênua: ao

contrário, sempre dará lugar à formação de caracteres idealistas, que saberão colocar-se ao serviço da humanidade, sem outro interesse além da elevação de um homem mais *conhecido* em si mesmo e mais fraterno em seu desenvolvimento social.

Tomemos o exemplo seguinte e veremos a ignorância que existe na forma de praticar os ideais e as doutrinas.

Ocorre com o Espiritismo o mesmo que com o socialismo: interpretam-no como um dos tantos partidos políticos, que visam conquistar cadeiras no parlamento, sem compreender que sua finalidade essencial reside na transformação política, econômica e social da humanidade.

São muitos, pois, os que se dizem socialistas e, nada obstante, desconhecem os fundamentos filosóficos do socialismo. É o caso de perguntar-se: “Serão estes verdadeiros socialistas? Praticarão os seus princípios cientificamente? Terão uma sólida consciência socialista ante as tentações oferecidas pela sociedade capitalista?”

Perante fatos de tal natureza não seria acertado culpar o socialismo, nem julgá-lo como seita ou coisa que o valha. Serão tais casos individuais, cuja moral recairá sobre os homens, mas nunca sobre a idéia, que espera da conduta humana as virtudes necessárias para que um dia possa ser realizado na sociedade.

O mesmo ocorreu com a ciência espírita. Se alguns pseudo-espíritas organizaram seitas em vez de círculos filosóficos, a responsabilidade não será da doutrina, mas dos indivíduos, por isso que ela não é mais do que uma filosofia com métodos experimentais e sempre baseou a análise das coisas no livre exame e na razão.

A profundidade do pensamento, como o sabe de sobra o autor do *Materialismo Dialético*, não deve buscar-se no que pensam e fazem *certos* indivíduos, mas entre aqueles que ofereceram toda uma existência a esse pensamento. E, no caso da ciência espírita, deve inquirir-se na obra de homens como Oliver Lodge, Alfred Russell Wallace, Luciani, Camille Flammarion, Gustave Geley, Fredrich W. H. Myers, Ernesto Bozzano, William Crookes,

César Lombroso, Albert de Rochas, Gabriel Delanne, Paul Gibier e outros.

Hippolyte Léon Denizard Rivail,⁴ pouco conhecido das pessoas que se alimentam daquilo que se alinhava nos claustros universitários, lugares onde se pretende amontoar toda a sabedoria oficial e dogmática, foi o primeiro pensador que teve a ciência espírita, e a quem coube deixar bem claramente expresso o verdadeiro caráter de nosso movimento. “O Espiritismo – disse ele – será ciência ou não será nada.”

Foi com base neste axioma que se constituiu a ciência espírita. E todos os homens e mulheres que aceitaram filosoficamente os seus princípios, ao fundar centros e grupos de estudo, o fizeram com o caráter de escolas filosóficas, e não como “uma seita, misto de religião e de filosofia ingênua”, segundo a opinião do Dr. Troise.

Dentro do revolucionário, seja em que ordem for, existe sempre uma nova revolução. E os que pretendem estar em seu seio, alimentando-o com seus atos e com seus pensamentos, logo ficam possuídos do misoneísmo mais cru e se comportam como o melhor dos reacionários, quando a eterna revolução, que reside no espírito do homem, procura novas concepções da vida e do universo.

Esses revolucionários, que só crêem factível a revolução na epiderme da matéria, isto é, naquilo que se vê e se apalpa, são agora, em relação ao Espiritismo, tão conservadores como aqueles que defendem a ordem social capitalista.

O advento da ciência espírita deixou-os a descoberto, ao manifestar a sua essência e o seu caráter revolucionário diante de todos os valores da natureza humana.

Ora, se a ciência espírita é uma filosofia ingênua, como pretende o Dr. Troise, filosofia que – é bom que se diga – defronta o mais formidável dos problemas metafísicos e, se se quiser, humanos e sociais do mundo, qual seja o fenômeno da morte, a que, então, ficam reduzidos os demais sistemas filosóficos que, diante desse problema, apenas se limitam a tecer nebulosidades abstratas, sem o menor assomo de um princípio experimental?

Se se considerar a filosofia espírita como uma filosofia ingênua, que restará, então, do esforço metafísico feito pela humanidade para arrancar o porquê do homem sobre o planeta? Que ficará, perguntamos nós, conjuntamente com todo o seu processo histórico e cultural, se apenas se reduz a um esforço hipotético e mental?

Se se disser levianamente que a ciência espírita é “uma seita, misto de religião e de filosofia ingênua”, em compensação esquecer-se-á que nossa ciência é *A Filosofia* e não *uma filosofia*, já que o seu conteúdo é a mesma essência da metafísica e uma síntese da cultura humana, que se veio formando através das idades em busca do Ser, como manifestação eterna da vida.

Ao contrário do que diz o Dr. Troise, é necessário reconhecer com toda a sinceridade que a investigação contemporânea praticada sobre o enigma do homem com mais lealdade é a investigação espírita, não realizada em nenhum campo do conhecimento clássico. Investigação empírica, que não partiu dos filósofos clássicos ou escolásticos, esses que dizem que “fora da universidade não há verdades filosóficas nem científicas”, mas daqueles que, à margem da cultura social clássica e acima de todo interesse de classe, impulsionados por um verdadeiro amor pelo homem e, conseqüentemente, pela humanidade, e baseados na experiência metapsíquica e espírita, descobriram a verdade espiritual que poderia definir ou, pelo menos, deduzir um princípio redentor sobre o problema do Ser e de seu destino metafísico.

E esses homens temerários, mais temerários do que os revolucionários que sonham em transformar a estrutura social dos povos, que nem desfizeram as conquistas da ciência clássica, nem os bons foros da razão e que – bom é que se o diga – nem foram sectários, nem religiosos, nem ingênuos, foram, pois, os homens espíritas que como apóstolos lutaram e lutam contra os obstáculos da imbecilidade humana, para redimir o Ser do nada, mediante o descobrimento da essência psíquica, que há na pessoa e em tudo quanto respira sobre o pó do planeta.

Se o Dr. Troise nos diz que a ciência espírita é uma filosofia ingênua, porque postula a imortalidade do Espírito e sua evolução palingenésica, postulado que, convém recordar, emana dos

fatos metapsíquicos e espíritos e que, como bem se vê, nem provém da fé intuitiva nem da religiosa, não vemos onde se acha a ingenuidade que lhe confere.

Quiçá o autor do *Materialismo Dialético* possua, como tantos outros, essa psicologia de considerar os problemas do Espírito como coisas ingênuas, sem compreender que esses problemas são hipóteses tão legítimas e tão lógicas como quaisquer outras erigidas pela filosofia e pela ciência no processo histórico da humanidade.

Se é certo que de início o problema da imortalidade da alma foi uma simples idéia pertencente ao domínio religioso, que é quando poderia ser taxado de filosofia ingênua, na atualidade transformou-se em sério problema metafísico que, queiram ou não queiram, tanto atinge a vida íntima do homem quanto a humanidade, problema que só a metapsíquica e a filosofia espírita poderão resolver definitivamente.

Por outro lado, a escola espírita e seus princípios ficarão salvaguardados da definição que lhes atribui o Dr. Troise, se lançarmos um olhar sobre os valores intelectuais e espirituais de sua mesma cultura.

A Espanha é talvez o país onde a filosofia espírita realizou os seus maiores vãos filosóficos. Em nossa opinião, Manuel González Soriano é um dos mais cultos filósofos do movimento espírita, pois maneja a linguagem filosófica como qualquer clássico. Seu livro *El Espiritismo es la Filosofía* não é fruto de um pensamento ingênuo do Espírito: é uma exteriorização metafísica, cuja origem parte da experiência e da análise. Seu ponto de vista é que “para que a observação ou o estudo de qualquer questão seja exato, verdadeiro e lógico, deve o observador despojar-se completamente de toda crença anterior, de toda idéia preconcebida, e marchar direito pelo caminho marcado em sua investigação pelas induções analíticas e pelas deduções sintéticas. Porque a verdade não admite condições nem se submete a caprichos; e quem a busca deve preparar-se de antemão para aceitá-la tal qual se apresenta, com seu cortejo de legítimas e naturais conseqüências”. E acrescenta: “O método hipotético, ou de construção, é belo e corajoso; mas como estabelece verdades a priori e sem

confirmação, desde que se trate de metafísica, convém iniciar, como princípio de investigação, uma análise experimental que, antes de tudo, conduza à certeza e à legitimidade das ulteriores deduções, fundamento e base de toda construção”.

Segue a González Soriano outro notável espanhol: Quintin López Gómez, autor da *Doctrina Espiritista-Filosófica*.

Julgue o Dr. Troise pelo que vamos transcrever deste livro, se o Espiritismo pode ser “uma seita, misto de religião e de filosofia ingênua”, já que se não o fora jamais poderia inspirar pensamentos tão *positivos* na mente de um homem que seria, logo de saída, membro de uma “seita”.

Escreve ele no prólogo: “Sentir ânsias de saber, não nos conformarmos com o presente conhecido, sonhar com um amanhã de maior glória, apetecer um estado de mais positivo bem-estar será tornarmo-nos rebeldes, sim: mas será tornarmo-nos úteis, será tornarmo-nos dignos”.

“A rebelião é o distintivo dos gênios.

“Rebelde foi Pitágoras; rebelde foi Sócrates; rebelde foi Galileu; rebelde foi Colombo; rebelde foi o Cristo; rebeldes foram todos quantos serviram de norte à humanidade; rebeldes são todos quantos a empurram na senda do seu aperfeiçoamento... Sem ser rebelde não se é nada: não em relação aos outros; devemos ser rebeldes para conosco mesmos; para com os nossos vícios, para com as nossas concupiscências, para com a nossa ignorância... Sobretudo para com a nossa ignorância! Quem não se rebela contra esta considere-se um autômato.

“E ao proferir o grito de rebelião, não temamos as suas conseqüências. Avante, sempre avante! Quando a rebeldia não é movida por outro afã senão o desejo de saber, de amar, de criar, é luz, é bálsamo, é vida. Fere e cura, mata e cria, cega e dá vida ao mesmo tempo. Se causa ruínas, é para levantar monumentos; se acende lutas é para selar pazes; se provoca ódios, é para semear amores.

“As tempestades, sempre purificam ares”.

Pode tal maneira de pensar ser o resultado de uma ingenuidade filosófica, religiosa e sectária? Ademais, se a filosofia espírita

fosse aquilo que diz o Dr. Troise, poderia dar ao homem uma visão tão renovadora como a que entrevê Quintin López Gómez em seu pensamento de filósofo?

A seita é própria da massa. Esta crê e se submete, refugiando-se no dogma. Em compensação, aquilo que faz pensar, inquirir, problematizar e dissentir do comum é próprio do Espírito e da filosofia. E o Espiritismo é isto: um constante inquirir sobre os problemas do Ser e do conhecimento. Por isso disse Kardec: “Marchando com o progresso, o Espiritismo nunca se verá desenvolvido nem ficará em atraso; porque se novas descobertas demonstrarem que está em erro sobre um dado ponto, modificar-se-á nesse ponto; e se uma nova verdade se revelar, aceitá-la-á”.

Ora bem. Um pensar ingênuo sobre o Espírito e sobre o mundo interessaria apenas a uma centena de crentes. A filosofia espírita, ao contrário, a todos interessa por igual, desde o modesto proletário até àquele que ostenta títulos de nobreza. Logo, como nós explicaríamos tal ingenuidade coletiva, que em vez de diminuir, mais e mais se desenvolve em todas as camadas sociais?

Visto apenas como um comércio entre vivos e mortos, toda a importância do Espiritismo reduzir-se-ia a melhor forma de realizar esse comércio. Numa palavra, seria uma prática necromântica, de modo algum ligada aos problemas da filosofia e da história natural. Talvez nesse sentido assumisse caracteres de *pensar ingênuo* ou, como diz o Dr. Troise, de “uma seita, misto de religião e de filosofia ingênuas”. Mas, de acordo com os resultados que o Espiritismo tem proporcionado até o presente, o verdadeiro filósofo acabará por dar-se conta de que a filosofia espírita é *o conhecimento da essência do mundo*. Seu verdadeiro caráter – o único que se lhe pode atribuir – é o filosófico, mas não um filosofar no vazio, como o foram as metafísicas ocidental e oriental; mas que, para ser gráfico, na acepção exata do vocábulo, terá que chamar-se uma *filosofia experimental*.

Por outro lado, uma filosofia ingênuas jamais terá capacidade para criar seu *ser histórico*, isto é, um processo evolutivo com seus homens, suas lutas, suas idéias e sua ação social na sociedade, já que todo pensar ingênuo não é outra coisa senão *crença*. A

filosofia espírita – e isto é sabido por todo homem *culto* no moderno espiritualismo – possui um *ser* histórico, isto é, em certos momentos de sua ação filosófica registra fortes movimentos ideológicos que se bifurcam na sociedade, caracterizando-se de diversos modos.

A ação espírita no mundo será um fato pouco apreciável, de vez que esta ação não se traduziu, como desejam os críticos e os positivistas, em realidade visível. Entretanto, encontraremos essa *realidade visível* no cultural, mais do que em qualquer outra parte, isto é, encontramos-la no bibliográfico, quicá insuperável por qualquer outro movimento filosófico.

Todas as expressões da alma e da *sociologia do Espírito* foram tratadas pela filosofia espírita ou pela cultura espírita. O que agora falta é que essa cultura ou conhecimento do homem e do mundo se transforme em *civilização* ou em *sociedade*. Mas para isto é necessário que a filosofia espírita se entrose no processo histórico da humanidade. Sem isto o Espiritismo permanecerá desligado da história e, para que esta assumas tonalidades ideais, é preciso que a essência espírita impulse a fenomenologia social com suas estruturas espirituais e materiais.

Se aprofundarmos a questão, *o ingênuo*, ou a boa fé carece desse sentido inteligente e necessário para apreender certas noções metafísicas, pois *o ingênuo* é incapaz de enfrentar toda investigação como a metafísica e o Espiritismo, ou se o fizesse, fá-lo-ia mal e sem a segurança que deve possuir um conhecimento.

Além disso, se o Espiritismo fosse ingênuo, tanto no experimental quanto no filosófico, não teria assumido os caracteres que chegou a conquistar, pois se num momento dado, quando o Espiritismo agia sobre *o ingênuo* das massas, teve certos caracteres ingênuos e de boa fé, hoje, depois que um grande número de sábios e pensadores dele se aproximaram, posto que desde o início não tenha sido estritamente aquilo que diz o Dr. Troise, a filosofia espírita perdeu absolutamente seu caráter ingênuo. Será, talvez, interessante esclarecer que se o Espiritismo não aspira a ser um ideal exclusivo para a “elite”, deverá ter forçosamente um

certo caráter ingênuo, no que respeita à massa, pois que se não pode pedir ao popular um pensamento exatamente filosófico.

Dizia Juan B. Justo: “Para ser genuíno o socialismo tem que ser ingênuo; para ser consciente, tem que ser vulgar.”

Poderíamos argumentar assim: “Para ser do povo e das massas, o Espiritismo tem que ser ingênuo”. Neste sentido concordamos com o Dr. Troise – mas não no sentido puramente filosófico da questão. No outro aspecto, isto é, no filosófico e científico, o Espiritismo não pode ser nada do que diz o nosso culto opositor. Neste sentido o Espiritismo é só ciência, filosofia e religião, mas ciência, filosofia e religião que partem do método experimental e não do instinto ingênuo das massas.

É por isso que todo conhecimento se desnatura quando professado pelas massas, isto é, torna-se ingênuo. Daí, para chegar ao coração das massas, o fato de ter tido Allan Kardec que escrever, salvo um ou dois livros, cinco tomos de filosofia popular. Do contrário o Espiritismo não teria adquirido a difusão que hoje desfruta.

A idéia de Espírito, de eternidade espiritual ou de imortalidade de manifestação de entidades espirituais pela mediunidade, a palingenesia ou reencarnação e demais princípios da doutrina espírita não são *propriedades filosóficas ingênuas*: são, ao contrário, idéias ou *postulados da razão*, que o Espiritismo, pelo método experimental, eleva ao grau de valores positivos da cultura.

Como se vê, *o Espiritismo das massas* é uma coisa; outra é *o Espiritismo da filosofia*. Mas não dessa filosofia que pode considerar-se como ingênuo, posto que elaborada na universidade do estado e que, a final de contas, não passa de pura “*história da filosofia*”, a qual, segundo a nossa visão das coisas, torna-se um estudo individual dos filósofos e dos sistemas e não o estudo substancial do conhecimento: Que é o homem? De onde vem? Para onde vai? O Ser é eterno?

Em suma: o Espiritismo assume caracteres ingênuos quando o relacionamos com o povo ou a massa, mas não quando o encaramos do ponto de vista da filosofia.

II

Iniciação à ciência espírita

Relativamente à iniciação à ciência espírita, que o Dr. Troise considera como um movimento sectário e religioso, devemos aclarar que aquilo que ele sustenta, longe está de ser certo.

Esta idéia do mundo, posto que exista desde que o homem reside no planeta, de vez que é o próprio homem quem contém os princípios espíritas e metapsíquicos, nasceu no centro da América do Norte, ali pelo ano de 1846, devido a poderosas manifestações supranormais ocorridas em casa do Sr. John Fox, residente na cidade de Hydesville (Arcádia), perto de Nova York, e produzidas pelas faculdades mediúnicas de suas filhas Catarina e Margarida, respectivamente de doze e quatorze anos.

Essas manifestações supranormais, verdadeira avalanche revolucionária para a ciência, multiplicaram-se rapidamente, invadindo todos os estados da União, a tal ponto que em 1852 foi dirigida ao Congresso de Washington uma petição subscrita por quinze mil pessoas, a fim de obter-se o reconhecimento oficial da realidade dos fenômenos mediúnicos.

Claro é que essas manifestações, inabituais para as massas, geraram fanáticos, possessos, profetas, missionários, neocristãos, curadores, adivinhos e clarividentes de todas as espécies. Isto, porém, nada significa para que se julgue a escola filosófica a que deram origem, como uma seita religiosa, por culpa de tantos desviados e exploradores do fanatismo popular.

Foi Allan Kardec quem pôs termo a esse movimento confuso da gente fanática e ignorante.

Depois de haver estudado durante dez anos, pelo método positivo e com um fecundo entendimento e infatigável constância as experiências supranormais realizadas em Paris; depois de haver colhido os testemunhos pessoais e as notícias da mesma ordem, que lhe chegavam de todos os pontos do planeta, e como, mais do que qualquer outro, tinha a nobre vontade de ser útil à humanidade, coordenou esse conjunto de fatos, deduziu os

princípios gerais e esboçou uma escola científica e filosófica, que denominou a Ciência Espírita – mas nunca uma seita religiosa. Por isso reiteradas vezes esclareceu que o Espiritismo não era uma religião, mas uma ciência integral, que só pelo método positivo lograria adiantar-se em futuro próspero.

Nesse sentido suas obras são claras e precisas. Como escritor, procurou fazer a filosofia descer das alturas abstratas em que pairava – e ainda paira – a fim de torná-la simples, popular e acessível a doutos e indoutos. Fez bem Allan Kardec em democratizar os problemas espirituais, pois com isto deu mostras de abolir as classes intelectuais que, assim como as outras, dividem a sociedade em sábios e ignorantes.

Se é bem certo que a filosofia do Espírito correu o risco de ver-se desnaturada, em compensação foi, assim, posta ao alcance das mais humildes inteligências, dando esperança, luz e consolo aos que, saídos do seio do povo, buscavam a verdade do mundo espiritual.

Admitindo que a ciência espírita contenha uma *substância religiosa*, deve reconhecer-se que essa substância religiosa chamou a atenção dos maiores sábios da humanidade. Acaso não é significativo e digno de consideração que homens da estirpe de William Crookes, Alfred Russell Wallace, Charles Richet, César Lombroso, Oliver Lodge, Camille Flammarion, Robert Hare, Friedrich Zöllner, William James, Fredrich Myers, William Barrett, Enrico Morselli, Luigi Luciani, Reichenbach, Giovanni Schiaparelli, Richard Hodgson, James H. Hyslop, Carl Du Prel, Ernesto Bozzano, Alexander Aksakof, Boutleroff, Angelo Broffèrio, Gustave Geley, Barão Von Schrenck-Notzing, Henri Bergson, Hans Driesh, Madame Curie e outros hajam operado sobre essa substância religiosa que existe nos fatos metapsíquicos? Nada diz ao autor de *Materialismo Dialético* que um fato, aparentemente religioso, tenha tido a virtude de interessar aos mais nobres Espíritos da ciência? E se isto foi conseguido, pode esse movimento ser considerado como uma religião, com o mesmo sentido que tem a eclesiástica, organizada com igrejas e padres, ou a estas se assemelhar?

Qualquer que seja o ponto de vista, é inadmissível que uma religião haja levado a ciência à experimentação, no máximo se se considerar que uma religião, propriamente dita, não poderá oferecer como material de experiências senão crenças e dogmas.

Em compensação, a *substância* experimental oferecida pela ciência espírita, a despeito do lado religioso que se lhe descobre, promoveu um verdadeiro movimento científico, que logrou atrair para o seu seio os mais fiéis discípulos do positivismo, em quase todos eles refazendo o critério filosófico.

Ora, bem. Com semelhante resultado, pode considerar-se o Espiritismo como “uma seita, misto de religião e de filosofia ingênuas”?

Com o propósito de aprofundar ainda mais esta questão, vejamos como se exprime o Engenheiro Ernesto Bozzano neste particular, numa passagem de seu livro *La verità sopra la metafisica humana*:

“Se é certo que uma respeitável multidão de almas simples dão ao Espiritismo um sentido religioso, *isto não significa que ele seja religioso*, mas que as conclusões, rigorosamente espirituais – e, portanto, científicas – a que conduzem as investigações mediúnicas têm a virtude de reconfortar um grande número de pessoas atormentadas pela dúvida. Não deveriam, entretanto, os opositores esquecer que, acima dessa multidão, *na qual prevalece o sentimento*, existe uma numerosa coorte de experimentadores peritos nos métodos científicos, verdadeiros homens de ciência, *nos quais prevalece a fria razão*, e que examinaram os fatos com o único objetivo de buscar a verdade pela verdade; portanto, se acabaram aderindo à hipótese espírita, de modo algum isto quer dizer que se hajam transformado em místicos, mas que se convenceram, através da experimentação, deste fato: a hipótese espírita é a única forma capaz de explicar o conjunto da fenomenologia examinada. E isto é *ciência*. Nem Myers, nem Hodgson, nem Hyslop, nem Barrett, nem a senhora Verral, nem Lodge, nem Zöllner, nem Du Prel, nem Aksakof, nem Boutle-roff, nem Flammarion, nem Lombroso, nem Broffèrio, nem o autor desta obra tinham tendências místicas; ao contrário, quase todos professavam convicções positivo-materialistas”. E diz

ainda, mais adiante: “Repito, pois, pela centésima vez, que a hipótese espírita é uma hipótese científica, e que *os que a discutem mostram que ainda não formaram uma idéia clara daquilo que pretendem discutir*” (pág. 230).

É que, com os seus fatos, o Espiritismo representa profunda e mortal ferida na orgulhosa carne do materialismo, quer seja este mecanicista, quer dialético. Muito custa aos seus adeptos ver aparecerem subitamente novos fatos, que põem as suas doutrinas no tapete do julgamento e, além do mais, reconhecer, por isso mesmo, ser necessário recomeçar um novo estudo sobre a natureza do homem e do mundo, quando antes supunham possuir em suas mãos toda a substância do conhecimento.

Entretanto, a despeito de sua negação, a dialética do Ser e de suas manifestações continuará revelando novas formas do saber. Essa substância eterna, da qual partem todas as grandezas da humanidade, continuará fixando noções sempre novas, sem entretanto jamais esgotar-se, por isso que dela é que sairão as formas históricas e morais, que adquirirão as civilizações porvindouras.

O mais veraz desmentido de que o Espiritismo seria “uma seita, misto de religião e de filosofia ingênua” são as palavras do mesmo Allan Kardec: “Melhor observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo ilumina uma porção de questões até hoje insolúveis ou mal compreendidas. *Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência, e não de uma religião.* Está baseado em princípios independentes de toda questão dogmática”. E acrescenta: “Sendo o Espiritismo independente de toda forma de culto, não prescrevendo nenhum e não se ocupando de dogmas particulares, *não é uma religião*, porque nem tem sacerdotes, nem templos”.

Disse o ilustrado escritor francês Léon Chevreuil: “A ciência espírita baseia-se exclusivamente sobre os fatos; para ela a experiência é a fonte única de seus conhecimentos; faz tabula rasa de todos *os dogmas religiosos* e científicos. Seu método é, conseqüentemente, irreprochável desse ponto de vista e, abstração feita dos erros individuais, *é um ramo da ciência positiva experimental.*”

Acrescentemos agora a esta definição aquela que nos dá Manoel González Soriano e vejamos, assim, se a ciência espírita é aquilo que pretende o Dr. Troise.

Diz ele: “O Espiritismo nem é uma filosofia nem uma *seita religiosa*, mas *a filosofia da ciência, da religião e da moral*: a síntese essencial dos conhecimentos humanos aplicada à investigação da verdade; a ciência das ciências”. E acrescenta: “Também sua doutrina *nem é velha nem nova*; neste sentido pode considerar-se como *a enciclopédia das verdades eternas e infinitas, que a investigação humana pôde até agora penetrar e conhecer*”.

“Vem o Espiritismo, conseguintemente, da ciência da razão e da razão da ciência; e, conseqüentemente, leva ao maior conhecimento possível das divinas verdades universais. Seus fundadores são todos os homens de todas as épocas e de todas as crenças, que alcançaram o conhecimento de alguma verdade incontestável demonstrada pela razão e pela ciência. São seus apóstolos todos os homens que ensinaram, ensinam e ensinarem a verdade. E estes receberam sua missão do *dever moral* que tem todo homem de ensinar aos demais as verdades que conhecer e não esconder sob o velador a luz que possui, a fim de que não alumie a ninguém, pois isto seria egoísta e antifraterno”.

E, ainda: “O Espiritismo não é nenhuma opinião sistemática, não procede de nenhum capricho humano, nem tende a satisfazer nenhum interesse pessoal ou coletivo. Não se impõe nem se oculta, porque a verdade, para o ser, não precisa de ninguém; antes, sempre nobre e generosa, se oferece de contínuo aos que a buscam e se deixa possuir por aqueles que a amam”.⁵

Outro pensamento que pode ser oposto ao que diz o Dr. Troise, é este, do Dr. Gustave Geley: “O Espiritismo difere das religiões pela ausência total de misticismo, não invocando revelações, nem o *sobrenatural*. O Espiritismo só admite os fatos experimentais, com as deduções dos mesmos decorrentes.

“Também o Espiritismo se distingue da metafísica, pois repele todo raciocínio *a priori* e toda solução puramente imaginativa”.

“Só aspira ao título de *ciência*, e o ser considerado como *um ramo da História Natural*”.⁶

Estas definições mostrarão ao Dr. Troise a seguinte diferença: Uma coisa será a filosofia espírita, com seus homens de ciência, seus escritores, seus artistas e seus poetas; e outra será com aqueles que a transformaram num culto religioso e num fanatismo, de vez que só aspira ser *um ramo da História Natural*.

Eis aqui, pois, o que deveria ter observado o autor do *Materialismo Dialético*.

III

A ciência espírita não monopolizou os fatos de psicologia supranormal

“O espiritismo e a teosofia monopolizaram os fatos que essa psicologia supranormal nos oferece e os apresentam como prova irrefutável da existência do espiritual, no sentido de entidade ou inteligência que sobrevive à dissolução do corpo.”

Raro é escrever-se desta maneira a respeito da experimentação mediúnic. Todos os livros que tratam do problema reconhecem que aquilo que o Dr. Troise chama “psicologia supranormal” pertence pura e exclusivamente à ciência espírita.

Dizer que, juntamente com a teosofia, o Espiritismo monopolizou os fatos da psicologia supranormal é desconhecer as origens verdadeiras de seu movimento, quer científico, quer filosófico.

Nada obstante, perguntaríamos ao autor do *Materialismo Dialético*: De que ciência, de que universidade ou de que conhecimentos oficiais o Espiritismo tomou a “psicologia supranormal”, com o fito de apresentá-la como prova de seus postulados filosóficos?

Se se refere à psicologia clássica, bem sabemos que a respeito ela nada menciona. Então onde a Ciência Espírita monopolizou os fatos supranormais?

Não. Nem o Espiritismo, nem a teosofia monopolizaram os fatos da “psicologia supranormal”, denominação burguesa que apenas serve para afastar os fenômenos espiritistas da cultura democrática e encastelá-los em programas universitários, isto é, dá-los de presente ao Estado, a fim de que este os reduza a “simples fenômenos de professores ou de ‘elite’ científica.”

Os fenômenos mediúnicos ou espíritas foram observados e estudados, antes de qualquer outro, pela ciência espírita e por aqueles homens que, baseados nesses mesmos fenômenos,

apreenderam um novo conceito do conhecimento, que mais tarde seria chamado Espiritismo.

Se houve monopólio desses fatos, deve isso ser atribuído aos metapsiquistas ou parapsiquistas, como preferem chamar-se na Alemanha – mas nunca ao Espiritismo, que nasceu precisamente desses mesmos fenômenos, que são a sua própria essência, isto é, dessa “psicologia supranormal”, como de forma burguesa a denomina o Dr. Troise.

Por outro lado, se o fenômeno mediúnico intensificou-se tanto, deve-se isto ao aparecimento da ciência espírita e à aplicação a ele da técnica mediúnica. E esta técnica foi devida a homens de ciência que, avassalando os preconceitos e o misoneísmo, declararam-se espíritas, isto é, partidários da indestrutibilidade do Espírito, ou da essência espiritual dos seres.

Reconheça, além disso, o Dr. Troise que sem o Espiritismo não teria aparecido a metapsíquica, que bem poderia ser qualificada como uma parte ou ramo moderado da ciência espírita, como também não teria aparecido aquilo que se convencionou chamar a ciência psíquica.

Quantos nomes para nos referirmos sempre à mesma coisa: a essência espiritual!

Quando se reconhecer definitivamente que o númeno que determina ou produz os fenômenos espíritas ou metapsíquicos é o Espírito do homem, despojado de sua pessoa física, o Espiritismo converter-se-á numa síntese de toda a história dos fatos supranormais. Hoje, porém, enquanto na apreciação de tais fatos interferirem fatores de ordem mental e espiritual, cada um terá direito a conjeturar a seu gosto, e propor as mais absurdas hipóteses antes de admitir a tese espírita, a qual terá um caráter mais natural e mais filosófico, sempre que os fatos se apresentarem com a magnificência e com a claridade que tiveram as materializações de Katie King, observadas por Sir William Crookes.

Para os clássicos da ciência e para os que olham o mundo do ponto de vista da *lógica formal* – caso em que também se incluem os materialistas dialéticos – a materialização de Katie King, por exemplo, será tudo o que quiserem, menos a materialização

de um ser espiritual, que dá provas do “eu sou, logo sou imortal”, mediante uma manifestação espírita.

Parece que, por sua natureza, o homem anelasse o suicídio de seu próprio ser, com o fenômeno da morte. Está acostumado a ver-se pequeno, e esse hábito é difícil de arrancar de improviso, pela lógica filosófica. Depois de haver vivido no máximo oitenta anos, quer desaparecer eternamente, quer *suicidar-se* ao invés de admitir que depois da morte o Ser continuará atuando em seu próprio existir. Ah! se o homem compreendesse que aquilo que ele chama a morte não passa de uma desmaterialização da pessoa física, assim como o nascimento não é mais do que a materialização da essência do Ser! Mas não. O homem tem uma mente de *lógica formal*, que lhe não permite ver que tudo quanto existe em seu redor é movimento, é dinâmica e que as aparências físicas não são a realidade, mas um fantasma da verdadeira realidade.

É isto o que nos vêm demonstrar os fenômenos metapsíquicos e espíritas: não é outra coisa.

Vejamos agora o que sobre a teoria espírita nos diz o prof. Richet.

“Não condeno a teoria espiritista. É certamente prematura e, provavelmente, errônea. *Mas terá tido o imenso mérito de haver provocado as experiências*”.

Se, como é notório, teve a teoria espírita “*o imenso mérito de haver provocado as experiências*”, como bem diz Richet, não vemos então como haja monopolizado os fatos de “psicologia supranormal”. Ao contrário, esses fatos, observados em todos os períodos da história, têm dado, e darão ainda, conjuntamente com a crença espírita, a demonstração real e palmar da *ação de nossa inteligência sobre a matéria*.

Além disso, o Espiritismo *sistematizou* os fatos, mas não os *monopolizou*. Procedeu como a Física, que, por meio da observação e da experiência, deu uma categoria científica aos fenômenos físicos, que sempre existiram na natureza. Não obstante, isso não autoriza ninguém a dizer que ela tenha monopolizado os fatos obtidos. Por outro lado, qual a ciência que não tenha primeiro tomado os fatos experimentais do mundo objetivo, para

depois, baseada nesses mesmos fatos, constituir-se em ciência de conhecimento?

É que nos fenômenos metapsíquicos é necessário desentranhar algo que a muitos escapa. É necessário encontrar a mensagem espiritual da natureza e do universo que, por diversas facetas fenomênicas, faz-se presente à inteligência do homem. Como, entretanto, o ser humano está habituado a medir fatos e coisas da vida com o velho critério do familiar, resiste ao avanço quando uma nova manifestação da natureza o impele para novas noções da inteligência e de existência; e, ao resistir, inventa hipóteses sobre hipóteses antes de reconhecer a mudança espiritual que se vislumbra.

Nem os revolucionários de todos os setores, sejam eles científicos ou sociais, se dão conta de que a verdadeira revolução virá da metapsíquica e da ciência espírita e jamais dessa velha cultura do mundo que, em termos gerais, pode classificar-se como religiosa e materialista e, portanto, desprovida da verdadeira essência que possa despertar no homem o sentido da revolução. Pois enquanto o gênio humano mover-se aos impulsos de sua velha moral e de sua atual psicologia, nem o indivíduo nem a massa estarão dispostos a abandonar sua pesada herança: o critério conservador. A despeito de seu progresso e de sua evolução, o velho conhecimento mostrará sempre um homem defeituoso, exposto a todas as debilidades e contratempos. Com um ser tão falível a humanidade perde a fé em seu futuro, máxime nestes momentos da história, nos quais se vê claramente o que é e o que pode ser esse velho homem embolorado do século XX, incapaz de buscar-se a si mesmo.

Sabemos de sobejo que para alguns estas idéias serão consideradas como divagações de um idealista, que não sabe ver o processo histórico, nem sabe como as coisas realizadas pelo homem governam o próprio homem, esse falaz reflexo da matéria... Mas o caso é que, de tanto governar o pensamento humano, a matéria agora se encontra em frente à velha história de Frankenstein: a matéria nasceu do mundo espiritual. O dogma da dualidade já não subsiste. Diz Einstein que só subsiste o movimento, para nós a essência, que é a origem de todos os fenôme-

nos individuais e históricos. Os princípios do mecanicismo e do paralelismo psicofísico caíram para sempre com o aparecimento dos fatos metapsíquicos e espíritas: o homem é um ser essencial e espiritual, que incide sobre a matéria, a fim de modelá-la, conforme a sua evolução moral e psíquica. Em outras palavras: toda a história da humanidade é manifestação e processo do Espírito humano.

Volvendo a outro exemplo do professor Richet, é possível que o nosso inteligente contendor, mais do que por nosso próprio raciocínio, se incline a reconhecer que o Espiritismo não monopolizou os fatos da “psicologia supranormal”, com o objetivo de justificar seus princípios filosóficos, como sustenta aquele professor, quando diz em seu *Traité de Métapsychique*: “Certamente não é possível desdenhar os magnetizadores, *nem os espiritistas*. Seria isto uma grande injustiça. A despeito dos sarcasmos e das hostilidades, *contribuíram uns e outros para a fundação da metapsíquica* e, conquanto repelidos pelos sábios oficiais como indignos, prosseguiram suas laboriosas investigações”.

O Dr. Troise deveria levar em consideração que os fatos espíritas e metapsíquicos causam dano à ciência oficial e, portanto, à moral religiosa que, como bem o sabe, coexiste com a estrutura social chamada burguesa. Daí, pois, a existência de *interesses de cultura* para manter os ditos fenômenos à margem da sociedade. É, ainda, por essa razão que aqueles se devem desenvolver isoladamente e sem conexão com o pensamento coletivo da humanidade. Mas que esses fatos sejam próprios da cultura oficial ou que tenham sido por ela provocados e estudados é positivamente um erro. Agora, decidindo-se a reconhecê-los, posto que com suma cautela e até com temor, não basta para que se lhe atribua o mérito de os haver descoberto, nem dizer, por outro lado, que o Espiritismo os monopolizou do campo científico oficial – a fim de provar as suas teorias sobre a imortalidade da alma. Ao contrário: é a ciência oficial, ou de classe, que se vê, pela eloqüência e pela força dos fatos, obrigada a ir ao encontro do fenômeno e não o fenômeno a ir à ciência.

Sabemos que o Espiritismo, ainda mesmo continuando à margem da cultura oficial, criará seu próprio conhecimento do mundo, isto é, sua ciência e sua filosofia, sem que, por isto, fique desfeita nenhuma razão ou nenhuma verdade provinda da ciência universitária. Imenso é o gênio criador da ciência espírita. Falta apenas esperar que se vá desenvolvendo, à medida que o homem espírita for estendendo sua existência na sociedade.

Finalmente, é a ciência oficial que está monopolizando os fatos da “psicologia supranormal”, posto que à custa dos anátemas que lançam os que se empenham em conservar as posições tradicionais da Universidade. Cremos que esse monopólio será conseguido pela ciência, sempre que a sociedade se for desenvolvendo sobre as suas bases atuais; isto, porém, será feito à custa da própria verdade, que será dissimulada por muitíssimas hipóteses, antes de admitir-se que os fenômenos sejam devidos ao Espírito, isto é, à realidade espiritual do ser visível e invisível.

Quiçá ocorrerá o mesmo que se passou com o Cristianismo: mas esse monopólio não será duradouro, por isso que atrás dos fenômenos metapsíquicos se movem as forças da inteligência, da liberdade e da justiça.

IV

O supranormal não é infinitesimal na vida psíquica da humanidade

“Parece que o espiritismo, a teosofia e as escolas ocultistas não atentaram para este fato simples: o supranormal representa uma fração infinitesimal na vida psíquica da humanidade. Além disso, está ligado a condições orgânicas particulares.”

Encarado do ponto de vista da ciência espírita, o supranormal não representa, como diz o Dr. Troise, “uma fração infinitesimal da vida psíquica da humanidade”, por isso que é uma manifestação ou faculdade que se faz presente no Ser, isto é, um novo sentido que irá aumentando na raça, à medida que sua estrutura espiritual penetra e se estende pela evolução psíquica do Ser.

Mais acentuado nuns indivíduos que noutros, o supranormal é a prova fidedigna de que não é o homem um composto físico-químico, como pretendem os materialistas de todas as escolas. Isto nos demonstra que a concepção clássica do indivíduo será cada vez mais desmentida, à medida que o supranormal for crescendo na natureza humana.

Considerar o supranormal como infinitesimal é esquecer o sentido estatístico da questão, já que os homens que se dedicam à investigação metapsíquica e espírita nos dizem que não há ninguém que não seja dotado, e em forma visível, neste ou naquele aspecto, desse sentido espiritual.

Eis por que nos diz o Dr. Gustave Geley que *entre o normal e o supranormal não existe uma linha divisória, não há fronteiras*: um e outro revelam processos vitais e sua única diferença se estriba no fato de que *um nos é familiar* e dá-nos a ilusão de o havermos compreendido, enquanto que *o outro tem o caráter oculto* de tudo aquilo que nos é ignorado.

O fato de que o supranormal não se manifeste em forma ostensiva em todos os indivíduos não impede que em certas pesso-

as perca o caráter infinitesimal, que ainda poderia ter uma tal faculdade.

As pessoas que sustentam esse argumento, por certo pouco construtivo, deveriam ter bem presente à imaginação aquela expressão do professor William James: “Para derrubar a lei de que todos os corvos são pretos, não é necessário buscar o modo de demonstrar que nenhum corvo seja preto. *Não é preciso mais do que provar que existe um corvo branco, um só: isto basta*”.

Além disso, muitas são as coisas infinitesimais na vida do homem; e nem por isso deixaram de ser proveitosas as suas menores demonstrações. Entre os fatos astronômicos alguns existem que apenas se observam uma ou duas vezes e, nada obstante, a ciência os registra e deduz leis que logo se tornam inegáveis.

Referindo-se aos casos de criptestesia, diz que *se não tivesse havido no mundo outro médium, a senhora Piper seria suficiente para que a criptestesia ficasse provada suficientemente*.

E, ao ocupar-se dos movimentos sem contacto e das materializações, também nos diz que *se não existisse no mundo outro médium, Eusápia Palladino seria suficiente para que fossem cientificamente estabelecidas a telecinesia e a ectoplasmia*.

Mas para a filosofia espírita o supranormal, isto é, todas as faculdades mediúnicas, que se manifestam hoje em certo número de seres, não são, repetimos, uma “fração infinitesimal”: são, ao contrário, uma propriedade do Ser que, à medida que se vai desenvolvendo, fixá-la-á definitivamente na constituição física do homem. Por outras palavras, quando a raça humana alcançar maior espiritualidade, possuirá esse novo sentido, a fim de melhor realizar a sua evolução palingenésica.

O supranormal, ou mediunidade, esteve exposto a certas contingências históricas, que tiveram o poder de o restringir, desde que levemos em conta que no fisiológico há certos caracteres hereditários.

A perseguição religiosa foi sempre nefasta às novas conquistas do Espírito.

Como se sabe, as manifestações supranormais ou mediúnicas, em toda parte onde se vão apresentando, têm revestido tendências antidogmáticas e antirreligiosas, sobretudo as de caráter subjetivo, cujas comunicações, depois de afirmarem a imortalidade da alma e a sua evolução, condenaram rudemente as religiões positivas e, particularmente, a que tem sua sede em Roma.

Para estrangular este canal revolucionário da ciência e propulsor do livre pensamento, era necessário destruir o supranormal ou essa faculdade mediúnica que, em lugar de reforçar os princípios do dogma, contra eles investia tenazmente, com o único fito de pôr a salvo a essência do Cristianismo. Então foi necessário fazer funcionar o tribunal da Santa Inquisição e extirpar, assim, essa praga de criaturas diabólicas, que se antepunham ao poder espiritual da Igreja.

Este fator histórico foi um dos motivos por que o supranormal, ou mediunidade, perdeu sua pujança e sua transmissibilidade, no que tange ao aspecto hereditário e fisiológico.

“Esta noção da hereditariedade da faculdade mediúnica – diz o Dr. Gustave Geley – dá-nos a compreender, de certo modo, por que tão rara é a mediunidade no ocidente. É a tese que ouvi sustentar na Polônia. Segundo os poloneses, a Inquisição e os processos contra os “feiticeiros” extinguiram quase que totalmente *a raça dos médiuns* em toda a Europa Ocidental. Entre as centenas de milhares de pessoas condenadas à fogueira, durante muitos séculos, havia por certo uma grande maioria de históricos, mas também uma minoria não desprezível de verdadeiros médiuns”.

“A mediunidade subjetiva – acrescenta o Dr. Geley – pôde, em certa proporção, escapar à destruição; mas a mediunidade objetiva, mais fácil de ser descoberta, teria sido, assim, quase que totalmente extirpada. Sob esse ponto de vista, a obra da Inquisição e dos famosos processos – cujo objetivo era bem outro – teria alcançado um êxito importante: êxito nefasto para a ciência e para a verdade”.

Não esqueça ao Dr. Troise que se o supranormal, ou faculdade mediúnica, fosse “uma fração infinitesimal na ordem psíquica

da humanidade”, a Igreja não teria agido da forma por que agiu, queimando criaturas supranormais ou médiuns. Ninguém como ela para prevenir um verdadeiro perigo. Pois se, mediante a Inquisição se dá à tarefa de queimar ou destruir essa faculdade supranormal do homem, é porque esta faculdade não era uma fração infinitesimal do psiquismo humano, mas um poder demasiado visível e generalizado, que teria de ser destruído pelas labaredas das fogueiras.

Tal maneira de agir é característica da civilização clássica. Vejamos, além disso, o que aconteceu com aqueles seres dotados de sentido revolucionário. Nos primeiros tempos, quando eram apenas “uma fração infinitesimal” na vida dos povos, ninguém deles se ocupava; mas quando esse sentido tendeu a generalizar-se na massa, iniciou-se a era de perseguições e de debandada, para evitar uma provável vitória daquilo que se manifestava nesse novo sentido da consciência humana.

Quando os fatos e os valores gerados à margem da cultura de classes chegam a assumir certa ressonância e difusão nos espíritos, põem essa cultura em estado de alerta; mas quando esses fatos e valores se acentuam, esta age impiedosamente, visando destruí-los e, assim, salvar os seus interesses e predomínio. Mas enquanto continuam apenas como uma “fração infinitesimal” na sociedade, ninguém os levará em conta; nem sequer os recordará.

Ora, o gênio é sempre um sentido geral e visível na “vida psíquica da humanidade”? Não será, ao contrário, como o supranormal, uma “fração infinitesimal”? E por isso mesmo, pode duvidar-se dele e deixar de levá-lo em conta no estudo da vida do homem e do futuro das ciências?

É bem sabido que as figuras geniais da humanidade constituem reduzido número. Isto, porém, nada implica para negar a existência do gênio e que suas propriedades ou essências sejam peculiares à condição humana; pois se para crer na sua mesma natureza fosse necessário ver um gênio em cada homem, erraríamos as rotas do bom senso e da razão.

Se, por um momento, o Dr. Troise se inclinasse a considerar aquilo que postula a ciência espírita, talvez chegasse a compre-

ender que o supranormal não é mais do que a substância mesma do indivíduo que, à medida que realiza o seu processo palingenésico, torna-se nova faculdade de conhecimentos.

Vejamos o que afirma a ciência espírita:

- 1º- O que há de essencial no Universo e no indivíduo é um dínamo-psiquismo único, primitivamente inconsciente, mas tendo em si todas as potencialidades. As aparências diversas e inumeráveis das coisas não são mais do que as suas representações.
- 2º- O dinamopsiquismo essencial e criador, através da evolução, passa do inconsciente ao consciente.

Segundo Geley, estas duas proposições repousam sobre os fatos. Podem hoje ser objeto de uma demonstração precisa, primeiro *no indivíduo*, e logo, por uma vasta indução, pode transportar-se para *o universo*.

Concebido o indivíduo desta maneira, o supranormal, ou mediunidade, não será um milagre naquele que o possui, mas, como já o dissemos, uma manifestação dessa essência dinâmica e psíquica que existe no próprio ser.

Por isso cremos, com o Dr. Geley, que “a prolongação, infinitamente vasta, da consciência do Ser, deve ter como resultado fatal fazer estalar, por assim dizer, os marcos práticos e transitórios de individualidade.” Ao que acrescenta: “Não é possível compreender-se o mediunismo (o supranormal) sem sua prodigiosa diversidade, a não ser pelo conhecimento do indivíduo, do agrupamento individual, com suas possibilidades de dissociação relativa e momentânea, e pela noção, sobretudo, de sua essência metafísica, do dinamopsiquismo criador, dele objetivado.”

Além disso, pelo fato de estar o supranormal ligado a “*condições orgânicas particulares*”, devemos fazer sentir que essas “*condições orgânicas particulares*” de modo algum menoscabam a atuação supranormal ou mediúnica, nem a invalidam por força das considerações que, neste sentido, pudessem ser formuladas pela ciência.

Por outro lado, se nessas “condições orgânicas” quiséssemos ver um estado patológico do ser dotado de supranormal, isto constituiria mais que um erro: seria um completo desconhecimento do mecanismo dessa faculdade.

Charles Richet deixa bem claro que os indivíduos supranormais são “*pessoas semelhantes às demais*”. “Em todo caso – diz ele –, resisto absolutamente a *considerá-los como enfermos*, qual se mostra disposto a fazê-lo P. Janet. Se em alguns notamos uma certa desagregação da consciência, entre os artistas, os sábios e os próprios indivíduos vulgares também se manifestam, com frequência, fenômenos análogos, com automatismo parcial.”

O estado normal, por que tanto se bate o Dr. Troise e no qual tanto confia para a elaboração do conhecimento, talvez não seja o mais propício para alcançar a verdade. E se não, atentemos mais uma vez para o gênio.

Os grandes gênios foram sempre indivíduos supranormais, sujeitos a “condições orgânicas especiais”. “E, nada obstante, nesse estado supranormal deram as maiores criações artísticas, científicas e filosóficas”.

A tal respeito diz muito bem o Dr. Geley:

“Rousseau, enchendo páginas de escrita sem refletir e sem fazer esforço, num estado de arrebatamento que lhe arranca lágrimas; Musset, ouvindo o gênio misterioso que lhe dita os versos; Sócrates, obedecendo ao seu “demônio”, e Schopenhauer, recusando crer que seus postulados fossem sua própria obra, *procedem realmente como médiuns*.”

E acrescenta: “Não é raro que o mediunismo coexista com as manifestações de inspiração artística. Musset, por exemplo, é um “sensitivo” notável e quase um visionário.”

O supranormal está relacionado com tudo quanto de grande possui a humanidade. Essas *condições orgânicas especiais*, nas quais os materialistas e alguns psiquistas querem encontrar as raízes da origem do supranormal, são a expressão inegável de que o Ser é um dinamopsiquismo que condiciona a organização fisiológica.

Diz o Dr. Geley: “O estado de êxtase, de arrebatamento, de “ausência” de um poeta, de um artista, de um filósofo, compondo sob a influência da inspiração, é absolutamente idêntico, no fundo, ao estado segundo do médium.” Disto se deduz que todos os homens que criaram o gênio da humanidade foram seres supranormais com “*condições orgânicas especiais*”, o que demonstra que esse “fato muito simples” das “condições orgânicas” jamais constituiu um obstáculo para que a ciência ou o estudioso não os considerassem como criadores da cultura universal.

Em suma o supranormal pode considerar-se faculdade espiritual do homem que nas sociedades futuras será um órgão natural. Por ele dominará as *irrealidades* do mundo físico e irá penetrando cada vez mais nas *realidades* metapsíquicas que o rodeiam.

V

Os fatos metapsíquicos e a tese da ciência espírita

“O que a mediunidade manifesta não é a existência de inteligências ocultas, que povoam o espaço: espíritos e perispíritos ou corpos astrais, que seriam imperceptíveis ao comum das pessoas, como afirma o espiritismo clássico. A mediunidade nos permite afirmar a existência de forças não comuns, pelo menos em sua forma de exteriorizar-se, mas que são inerentes ao próprio médium.” “Bom é repetir que uma coisa são os fatos metapsíquicos e outra a tese que o espiritismo dá como provada pela mesma existência dos fatos da psicologia supranormal.”⁷

Eis aqui outra das afirmações do Dr. Troise que, como se vê, foram escritas com certa leviandade; pois dizer redondamente que “o que a mediunidade manifesta não é a existência de inteligências ocultas, que povoam o espaço”, mas sim “a existência de forças não comuns, pelo menos em sua forma de exteriorizar-se, mas que são *inerentes ao próprio médium*” é não dizer coisa alguma de científico ou filosófico, e ainda desconhecer a severa crítica que sobre a mediunidade vem sendo realizada por grande número de sábios, os quais chegaram a reconhecer que o que há de verdadeiramente interessante na metapsíquica *não é o fenômeno em si, mas a explicação do próprio fenômeno*.

É verdade que o nosso inteligente contendor propõe uma explicação, aliás vaga e superficial, ao afirmar que “o que a mediunidade manifesta” é a “existência de forças não comuns pelo menos em sua forma de exteriorizar-se, mas que são *inerentes ao próprio médium*”; mas esta maneira de opinar ou de afirmar não resolve inteiramente o problema das manifestações espíritas e metapsíquicas, pois que se apresenta desprovida de força perante os fatos como, por exemplo, os fenômenos de materializações.

A posição do Dr. Troise diante de *todos* os fenômenos da mediunidade é, até certo ponto, falta de lógica filosófica, desde que raciocinemos sobre o fato ectoplásmico do seguinte modo:

Qual a razão a que obedece, para que a existência dessas forças “*inerentes ao próprio médium*” primeiro se manifestem em diversos modos, e logo culminem em materializações de seres vivos, tão vivos quanto os próprios experimentadores, que raciocinam, falam, gesticulam e andam? Por que essas forças assumem *sempre* representações humanas de homens e mulheres já falecidos, dando provas do que foram em vida, com dados que fornecem aos experimentadores e não se apresentam, ao contrário, desde que sejam “forças não comuns” do indivíduo, com outras representações e formas de manifestar-se?

A simples análise de um único caso de materialização deita por terra o raciocínio filosófico e, queiram-no ou não, uma nova idéia do ser e do mundo começará a mover-se na mente do pensador.

Bom é aqui recordar que na produção dos fenômenos metapsíquicos e espiritistas absolutamente não intervêm os mesmos processos históricos da sociedade, que o materialismo dialético descobre muito bem na existência de quase todas as formas sociais.

Estes fatos novos – para a cultura clássica – a despeito do processo dialético que seguem as coisas, ainda mesmo que sejam unicamente o resultado da “existência de forças não comuns” e “*inerentes ao próprio médium*”, estão a mostrar-nos o *único caso da história* em que *os modos de produção não intervêm de nenhuma maneira*, e a necessidade de praticar uma severa revisão do materialismo dialético, no que respeita à sua interpretação que, do ponto de vista do paralelismo psicofisiológico, postula sobre o indivíduo.

Nada obstante, a existência dessas forças “não comuns” não convenceram o Dr. Troise. Por isso, ao examinar em seu livro os problemas do conhecimento, diz: “Nas condições psicofisiológicas do conhecimento não fazemos referência à chamada *psicologia supranormal*.”

Parece oportuna a ocasião de fazer uma pergunta.

Por que o Dr. Troise não fez referência à psicologia supranormal, como ele a denomina, se quis estabelecer em seu livro uma verdadeira teoria do conhecimento? Por que agora, se esta nova psicologia for real, se existir, estará ele seguro de que o materialismo dialético seja um conhecimento completo e verdadeiro e não corra o perigo de ser impugnado por novos fatos, oferecidos por essa psicologia? Entretanto, posto a reconheça como verdadeira e chegue até a propor-lhe uma explicação, fez ouvidos moucos e continuou, com fé materialista, a considerar as condições do conhecimento e da história, dedicando-lhe apenas duas páginas.

A explicação e interpretação do fenômeno metapsíquico, mais do que qualquer outra coisa, é um problema de caráter espiritual e de compreensão revolucionária, pois assim como são muitos os homens de ciência que teimam em não enxergar, por detrás dos fenômenos sociais, as manifestações da injustiça social, assim também muitos são os que se recusam a ver nos fenômenos metapsíquicos e espiritistas manifestações da imortalidade espiritual do Ser.

Ora, se de acordo com a concepção dialética do mundo pensamos que *tudo* é vibração e reação, e que *tudo* quanto existe está em constante movimento, como poderemos admitir, então, que esse eterno movimento das coisas, mesmo dessas “forças não comuns”, mediante um simples fenômeno de transe mediúnico, logre a gestação de fatos ectoplásmicos, que culminam na materialização de seres vivos, que falam, pensam e revelam toda uma personalidade? Que “idéia diretriz” existe ou vive no processo dialético do mundo e do universo, que consegue realizar, no curto espaço de tempo que dura o transe supranormal, aquilo que custa todo um processo de gestação no ventre materno?

Se concedermos aos fenômenos metapsíquicos toda a importância que eles têm, a concepção dialética tornar-se-á insustentável, desde que a encaremos do ponto de vista do paralelismo psicofisiológico, no que tange ao individualismo do Ser. Pois se o homem e a matéria são ambos de natureza dialética, a que fator

será devido que o ser individual da pessoa se mantenha coeso e sem se diluir na corrente dialética das coisas? Por que, ao passar através do fluxo e do refluxo da matéria e por todas as contingências e provas históricas, o Ser se mantém inalterável, vivo e consciente de si mesmo?

Uma prova disso é o que se observa no processo dialético que se realiza nos próprios lóbulos e localizações cerebrais que, não obstante o mesmo processo, não se desvanece a identidade individual do Ser por um instante sequer. Com este resultado não seria, pois, aventuroso deduzir que *movimento e inteligência* não se confundem numa expressão única do processo dialético, mas seriam duas manifestações da vida, que se atritam continuamente.

As interrogações que temos erguido, juntamente com muitas outras que existem, não seriam mais do que confirmações da doutrina espírita, isto é, as *provas indiretas* da tese espírita, relativamente ao conteúdo dos fenômenos metapsíquicos.

Por mais que se queira opinar em contrário, a união do Espiritismo e do materialismo é um fato, pois o Espírito, a força e a matéria são, em última análise, fases sucessivas da unidade criadora do universo.

Como já dissemos de outras vezes, já passou a hora do materialismo filosófico. Büchner, Moleschott e os demais sustentadores do materialismo moderno, posto tenham prestado grande serviço à ciência e ao gênero humano, para o emancipar do espírito sectário que os dominava, em nossos dias estão relegados a segundo plano, de vez que a biologia e a psicologia, por processos diversos, vão provando “as múltiplas radiações do corpo humano, chamadas raios vitais, ondas etéreas, vibrações neuropsíquicas, fluidos magnéticos, emanções ódicas ou matéria ectoplásmica.”

“Constata-se experimentalmente na natureza que os eflúvios vitais emanam de todos os objetos, quer sejam estes minerais, vegetais ou animais, pois já hoje se sabe que nela tudo vibra e radia, agindo e reagindo.

“A ciência provou que as células nervosas trabalham como se fossem circuitos elétricos oscilantes, carregando e descarregando periodicamente sua energia vital. Algumas destas ondas vivificantes, que se geram nas células, são chamadas raios mitogênicos, devido à influência que projetam nas células de outros tecidos orgânicos, cooperando, assim, para o seu desenvolvimento e multiplicação.

“Atualmente, sob a ação de ondas radioelétricas curtas, é possível fazer germinar em pouco tempo um grão de trigo ou de milho, tal como o fazem os faquires, pela imposição magnética das mãos.

“Está provado no organismo humano que os pensamentos e as emoções se manifestam através de uma zona de influência eletromagnética, chamada aura vital, por meio de radiações, de um certo modo semelhantes aos raios X, de comprimento e intensidade variáveis”⁸

A teoria do paralelismo psicofisiológico, sustentada por homens ilustres, como Vogt, Haeckel, Büchner, Le Dantec, Mollerschott e Sergi, na hora presente chega ao seu ocaso.

“Entre outras considerações – escreve Ernesto Bozzano –, apresentaremos dois ou três casos que demonstram como a fórmula de que “o pensamento é uma função do cérebro” é insustentável como teoria científica e filosófica.

“É sabido que os casos que vamos mencionar se multiplicaram com a grande guerra passada e foram observados na França, na Itália, na Inglaterra, na Alemanha, nos Estados Unidos, na Bulgária e em outras partes do mundo. Todos eles estão sob os nossos olhos, apresentando cada um traços característicos, que os tornam teoricamente importantes, e lamentamos que a falta de espaço não nos permita transcrevê-los.”

Assim refere o Dr. Gustave Geley o fato que se segue:

“Será necessário recordemos a pobreza da teoria das “localizações cerebrais,” que tão belas esperanças alimentou há cerca de um quarto de século? Será preciso mencionemos os casos famosos e relativamente frequentes de lesões profundas dos centros nervosos, em regiões consideradas essenciais, e que não

são seguidas de nenhuma perturbação psíquica de caráter grave, nem de qualquer outra restrição da personalidade?

“Baste que lembremos apenas aquele caso típico, publicado em 1917 pelo Dr. Guépin: “Um jovem, chamado Louis B..., havia sofrido a ablação de uma parte considerável do hemisfério cerebral esquerdo (substância cortical, substância branca e centros corticais) e, nada obstante, ficou intelectualmente normal, a despeito da ausência das circunvoluções consideradas como sede de funções essenciais. Casos análogos – alguns verdadeiramente clássicos – foram publicados em toda parte”.

“Se a teoria das “localizações” se torna cada vez mais insustentável, não é menos certo que em sua queda também arrasta a tese do “paralelismo estrito”. Se ainda é possível – mas infelizmente não se pode prová-lo – que a cada fenômeno psíquico corresponda uma modificação cerebral, não seria mais possível sustentar que cada modificação cerebral tenha aparelhado um fenômeno psíquico; e, em todo caso, não se tem mais o direito de pretender que a perda de uma parte da substância encefálica corresponda uma deficiência psicológica; ao mesmo tempo há que renunciar, de uma vez por todas – como já o havia previsto Bergson em 1897 – à hipótese de um cérebro conservador de “recordações imagens” e achar novas teorias que determinem seu papel no processo do ato memorial. Muito longe de ser indispensável condição do pensamento, o cérebro não é mais do que o prolongamento deste no espaço, o seu “acompanhamento motor” e, em relação àquele, poderia ser considerado como um órgão de pantomima.”

Como se pode ver, o Dr. Troise se deixa levar logicamente, pela mesma análise dos fatos, a conclusões que concordam de maneira absoluta com as teorias de Geley, Lodge, Flammarion e tantos outros, que se dedicaram ao nobre estudo dos fenômenos espíritas.

“Descontamos de antemão – escreve Bozzano – que os partidários da fórmula: “o pensamento é uma função do cérebro”, hajam tratado de dar alguma explicação dos casos mencionados supondo que, em determinadas circunstâncias, os lóbulos cerebrais que ficam intactos substituam os que foram destruídos. Tal

hipótese, entretanto, não só é gratuita e contradiz a teoria das localizações e a do “paralelismo psicofisiológico”, mas se acha perante um obstáculo insuperável, quando se analisam aqueles casos em que o órgão cerebral foi encontrado pela autópsia completamente destruído por um tumor, mau grado o enfermo tivesse conservado, até o último momento, o uso de suas faculdades intelectuais.”

Para confirmar sua tese, Bozzano expõe o seguinte exemplo:

“Trata-se de um suboficial de guarnição de Ambères, o qual há dois anos acusava terríveis dores de cabeça, posto cumprisse com todos os deveres inerentes a seu cargo. Um dia morreu de repente e o cadáver foi levado ao hospital, para ser autopsiado. Aberto o crânio, não se encontrou senão uma massa de pus; e nem um traço de matéria cerebral. E, posto esta transformação de células em pus – isto é, sua destruição pela enfermidade – não se tivesse realizado instantaneamente, mas devesse ser a consequência da evolução lenta de um abscesso, podemos deduzir que durante um período bastante longo, aquele suboficial cumpriu seus deveres quando não possuía mais do que uns resíduos de seu órgão cerebral. É assim que se demonstra que o pensamento não está tão intensamente vinculado ao cérebro, como pretende afirmá-lo a tese materialista.

E acrescenta Bozzano: “Fica, pois, demonstrado que, em certas condições excepcionais, a inteligência não sofre alterações, a despeito da destruição do cérebro. A hipótese gratuita, formulada pelos filósofos, segundo a qual os lóbulos cerebrais intactos substituem em suas funções àqueles que foram destruídos, fica inexoravelmente desvirtuada. Deve, pois, concluir-se que os casos desta categoria são absolutamente inexplicáveis com hipóteses fisiológicas e, além disso, ao mesmo tempo fica reduzida a nada a errônea teoria de que “o pensamento é uma função do cérebro”. Devemos, pois, necessariamente, substituí-la pela hipótese oposta, segundo a qual o órgão cerebral é vigiado e dirigido em suas funções por algo que é essencialmente diferente, onde reside a consciência individual. Por outras palavras, tudo concorre para provar a existência de um “cérebro supranormal ou etérico”, imanente no cérebro físico: e, por conseguinte, a exis-

tência de um “corpo supranormal ou etérico” imanente no “corpo somático”.”

Ao dizer, pois, que o materialismo mecanicista e filosófico é um sol apagado que se some no acaso, não o fazemos, como verá o Dr. Troise, por pura fé romântica na existência do Espírito, mas pelas inúmeras demonstrações obtidas nos laboratórios metapsíquicos e espiritistas, pelos mais representativos homens de ciência. Se dizemos que o cérebro não segrega o pensamento, como o fígado a bile; que um corpo pode ser destroçado, rasgado pelo bisturi, mas que o Espírito pode continuar pensando e agindo livremente, enquanto o corpo jaz insensível por meio dos efeitos de um narcótico, dizemo-lo porque o Espírito foi achado pelo imortal microscópio de William Crookes, ao descobrir um quarto estado da matéria, e pela investigação científica do pensamento moderno.

Impossibilitada de explicar os principais problemas da personalidade humana, tais como a subconsciência da pessoa, a despeito da renovação contínua das células cerebrais; as desigualdades intelectuais entre indivíduos nascidos de pais idênticos, o caráter inato de certas faculdades, entre as quais as supranormais; a natureza fisiológica do sonho, etc., a psicologia clássica demonstrou, desde o começo do século XX, a sua insuficiência científica, ao permanecer aferrada à doutrina do paralelismo psicofisiológico.

Vejamos o que diz o Dr. Geley na *Revue Métapsychique* de janeiro-fevereiro de 1922, às páginas 22 a 24. Com isto, por mais in-verossímil que pareça, deveremos aceitar definitivamente uma evolução do materialismo científico para o Espiritismo moderno. Diz ele assim:

“Não existe paralelismo psico-anatômico, porque as ações dinâmicas sensoriais e psíquicas podem realizar-se fora do próprio órgão, por uma verdadeira exteriorização. Não há paralelismo psicofisiológico porque o “transe”, durante o qual o “subconsciente supranormal” se manifesta em todo o seu poder, é uma espécie de aniquilamento da atividade dos centros nervosos, que às vezes chega até ao coma!

“Como poderíamos achar paralelismo na visão à distância, através de obstáculos materiais e fora do alcance dos sentidos? Ou na lucidez?...

“Os fenômenos subscientes também são contrários ao velho ensino clássico, segundo o qual não existe mais do que a memória cerebral; e é sabido que a memória cerebral é limitada, infiel e caduca; não guarda senão uma parte ínfima das impressões – lembranças do Ser. A maior parte dessas impressões parece que se perdem para sempre. Em compensação, nos estados subscientes vemos aparecer uma memória muito diversa, infinitamente vasta, fiel e profunda.

“Damo-nos conta de que tudo quanto há passado pelo campo psíquico subsiste nessa memória subsciente, em forma completa e indestrutível. Hoje são inumeráveis os exemplos dessa prodigiosa criptomnésia, provando que, sob a memória cerebral, estreitamente vinculada às vibrações das células cerebrais, existe uma memória subsciente supranormal, *independente de toda contingência cerebral*.

“A humanidade é, portanto, dupla, como o é a consciência.

“Há uma consciência e uma memória vinculada estreitamente ao funcionamento dos centros nervosos, e que constituem tão somente uma pequena parte da individualidade pensante. *Mas há, também, uma consciência e uma memória independentes do cérebro*. Esta é a fração maior da individualidade pensante, que não está limitada pelo alcance do organismo e que, conseqüentemente, pode existir antes dele e sobreviver à sua morte. Longe de ser o fim da individualidade pensante, a morte, ao contrário, parece que não faz mais do que libertá-lo das limitações cerebrais e determinar a sua expansão.

“Todas essas deduções – jamais me cansarei de repeti-lo – não são meros postulados metafísicos, pois estão baseadas *em fatos concretos*. A lógica sobre a qual repousam é absolutamente racionalista e não foi *possível insinuar nenhuma refutação a respeito*.”

Com a autoridade científica e filosófica do Dr. Gustave Geley, não nos resta mais do que repetir que a escola materialista,

mecanicista e filosófica – a despeito das grandes descobertas e benefícios que prestou à ciência – é atualmente inadequada para interpretar e resolver o complexo-psicológico da individualidade do Ser, enquanto não se resolver a aceitar este postulado, que diz:

“Existe no ser vivente um princípio dinâmico e psíquico, de ordem superior, independente do funcionamento orgânico, que preexiste ao corpo e a ele sobrevive. Esta certeza será a origem da imensa revolução que se haja realizado nos domínios da atividade intelectual e moral da espécie humana.”

Hans Driesch também confessou decididamente o ocaso do materialismo e sua confissão se traduz numa enérgica repulsa ao paralelismo psicofisiológico. Ao afirmar a realidade dos fatos metapsíquicos e espíritas, Driesch estuda a importância que essa fenomenologia supranormal tem para o conhecimento e para a filosofia, afirmando que duas ciências clássicas estão chamadas a transformar-se radicalmente, devido a isso: a *biologia* e a *psicologia*. Diz ele: “Por conseguinte, a nossa filosofia deverá modificar-se substancialmente, por isto que toda ciência em particular chega a estas conclusões finais: *que a alma faz parte integrante da filosofia*.”

E conclui: “O “paralelismo” impôs-se de 1850 até 1900. Fazia parte integrante da psicologia ortodoxa. Essa situação teórica era verdadeiramente curiosa, pois o paralelismo não passa de enorme absurdo, absolutamente insustentável. Hoje nada resta de pé do paralelismo físico-mecânico. É-nos apenas permitido falar de um paralelismo psicofísico muito geral, afirmando que nossa vida consciente é paralela à ação de nossa alma subconsciente. Mas é coisa muito diversa afirmar que existe um paralelo entre a vida consciente e a ação de uma máquina mecânica... A independência do Espírito está, pois, a salvo: a alma e o corpo são duas entidades em relação casual, mas não idênticas...” E acrescenta: “Aqui é que se abrem as portas à metapsíquica. Nós construímos umas pontes sólidas e firmes que conduzem àquelas partes de ciência que achamos normais e àquelas outras que consideramos anormais ou supranormais. O maior obstáculo da parapsicologia, *o materialismo sob todas as suas formas*, foi eliminado.” E nós

acrescentamos: a certeza científica da existência do Espírito é a base única sobre a qual se assenta esse mundo novo, que os ideais de progresso querem hoje dar de presente à humanidade.

A mediunidade, ou o fenômeno metapsíquico, diz o Dr. Geley, desprovida de todo ensaio lógico de interpretação, considerada isoladamente e sem levar em conta o problema filosófico, que encerra o fato em si, é de muito pouco interesse.

Tomemos como exemplo os fenômenos físicos da mediunidade: os movimentos dos objetos, seu transporte de um ou outro lado das salas de sessões, a levitação de um móvel, as percussões, etc. Todos esses fatos, considerados em si mesmos, não oferecem absolutamente nada de notável. Sua importância, seu interesse liga-se inteiramente às perguntas: Como tais fenômenos puderam produzir-se sem intermediário apreciável? Por que força desconhecida e sob que direção inteligente foram produzidos?

E acrescenta: Que nos importariam as percepções táteis ou a visão de fulgores, de órgãos e de organismos materializados, sem o mistério – mistério fisiológico, mistério psicológico, mistério filosófico – que tais visões, queiramos ou não queiramos, impõem à nossa reflexão?

Em seu livro *La Connaissance Supranormale* diz o Dr. Eugène Osty: “É condenar-se resolutamente à esterilidade crer e dizer, como tenho lido algumas vezes, que em metapsíquica, ciência em formação, convém aglomerar fatos, muitos fatos, sempre fatos, deixando sua explicação ao cuidado das gerações futuras. Aquele que adotasse tal programa tomaria uma tarefa fácil, mas de escassa utilidade e supérflua, do momento em que, logradas todas as variedades de fatos, não fará mais do que acumular aquilo que já é conhecido.”

William Crookes, que não era um religioso, nem sequer um filósofo, que tantas luzes deu com seu gênio ao conhecimento científico e à técnica do homem, não se atreveu a dizer que “o que a mediunidade manifesta seja “a existência de forças não comuns”, mas que são *inerentes ao próprio médium*”.

Katie King, comprovada tão escrupulosamente pelo grande físico inglês, não pode ser uma força “inerente ao próprio médium”, pois se a forma materializada de Katie fosse um prolongamento do próprio médium, teríamos então que aceitar estas duas proposições:

- 1º- que todo indivíduo de natureza mediúnica é um taumaturgo maravilhoso que, acima dos demais seres, consciente ou inconscientemente, pode criar, dando-lhes atributos de vida e de inteligência, órgãos e seres humanos, que jamais lograram ser produzidos nos laboratórios científicos, onde o pensamento do homem conseguiu as mais brilhantes conquistas; e
- 2º- que se existirem seres humanos que possam dar forma a outros seres vivos, nos quais o coração pulsa, o pulmão respira, e a organização corpórea é perfeita, teremos que duvidar da existência real de muitas pessoas que passam ao nosso lado, pois temos o direito de suspeitar que sejam as materializações de certos médiuns, fugidas das salas de experimentação.

Como se vê, estas duas suposições se afiguram muito mais inverossímeis do que a própria tese espírita.

Muitas são as hipóteses que foram criadas, por não querer admitir-se a probabilidade de que o Espírito humano possa manifestar-se, pelas condições especiais que cria a mediunidade, depois que se haja despojado do organismo fisiológico.

Um certo número de investigadores antiespíritas recorreram à hipótese do subconsciente, pela qual os médiuns têm, consciente ou inconscientemente, o poder de provocar todas as manifestações espíritas e metapsíquicas.

Esse poder do subconsciente dos médiuns leva a pensar que o homem normal é um ser impotente, enquanto que no estado supranormal é capaz de superar até o processo das leis naturais.

Se isso fosse certo, a ciência deveria, neste sentido, apressar os seus estudos e procurar levar o homem a esse estado mediúnico permanente, isto é, criar uma raça supranormal, para aprovei-

tar os poderes maravilhosos que tem o ser nesse mundo subconsciente.

Já que tratamos dos poderes subconscientes do médium, devemos fazer uma advertência ao Dr. Troise: os espíritas admitem a existência desse poder criador supranormal; muitos são os casos de mediunidade que se explicam por sua simples intervenção, sendo estes catalogados pela ciência espírita como fenômenos de animismo, isto é, são *inerentes ao próprio médium*; mas daí a admitir que toda a fenomenologia metapsíquica seja dessa mesma natureza há muito que dizer e que pensar.

Segundo Hans Driesch, “a ação espírita não consiste apenas numa ação procedente do mais além; não é forçosamente dos espíritos que provêm as comunicações; ao contrário, estas podem consistir numa leitura feita pelo médium na consciência do Espírito, o que reduz a ação espiritual a uma leitura de pensamento, ainda mesmo quando esta não se produza entre vivos”.

Deixando de lado, pelo momento, os demais fatos, o fenômeno das materializações é, ao nosso entender, a prova mais concludente de que o Ser é indestrutível pela morte e de que pode manifestar-se com a realidade tangível de nosso mundo, em certas circunstâncias especiais.

Quem houver meditado nas materializações de Katie King, de Estela Livermore, de Bien Boa, de Benjamin Franklin e de outros, ante essa plenitude espiritual do fenômeno metapsíquico, recordará logo este pensamento de Charles Richet, em seu *Traité de Métapsychique*: “Talvez amanhã a metapsíquica tenha o direito de subir ainda mais, para uma moral, uma sociologia, uma teodicéia novas.”

Uma materialização que fala, que acaricia, que dá consultas para o melhor resultado e melhor controle das sessões; que sente afeto pelos investigadores, que tem o *dom humano da pessoa*, ou é a manifestação de uma entidade espiritual, ou forçosamente fará duvidar de tudo quanto manifestaram os investigadores nas atas lavradas para dar testemunho dos fatos ou, por outro lado, fará negar a mesma realidade dos fenômenos.

Nesta grande questão, só a filosofia e a lógica em estado de liberdade poderão interpretar os fenômenos metapsíquicos e espíritos com probabilidades de alcançar a origem espiritual que os provoca, mas sem a eles vincular os velhos dogmas das ciências clássicas, que tudo reduzem ao indivíduo mediúnico ou ao subconsciente, este deus ou demônio, que zomba da razão humana, criando fantasmas ilusórios e “*revivendo os mortos para enganar os vivos*”.

Por mais que se queiram desviar da tese espírita as formas humanas materializadas, que revelam toda uma constituição fisiológica e biológica, ela é a única que lhes pode dar uma explicação que responda à lógica científica e à razão humana. Do contrário, que seriam as materializações, esse portento de mistério?

Não era em vão que Jaime Ferrán, o grande sábio espanhol, se assombrava das materializações, no prólogo que escreveu para a edição espanhola do livro de Richet, já mencionado, quando diz: “Temos que confessar que estas constituem o grande enigma da metapsíquica. O fato de aparecerem formas de contornos vagos, dotados de uma luminosidade especial, que acabam por adquirir o aspecto de órgãos, de membros e até de figuras humanas completas, que falam, que se movem, que respiram, exalando ácido carbônico; que têm pulsações arteriais, um coração que bate, e temperatura normal; que se desvanecem em presença dos espectadores e que, mesmo agarradas fortemente, se dissolvem, sem deixar o menor rastro – ninguém poderá negá-lo – constitui um grande enigma”.

Daí estarem estas conclusões materialistas, sempre desvalorizadas por esses fenômenos formidáveis, dando lugar a uma tese dogmática – se é que resistem à evolução –, fazendo o mesmo que o dogma eclesiástico na ordem religiosa.

Continuar a pensar que as formas materializadas de Katie King, de Bien Boa, de Estela Livermore, de Benjamin Franklin e as observadas por todos aqueles que atualmente se dedicam a estudo desses fatos, são “*inerentes ao próprio médium*” é retardar o esclarecimento filosófico dos fenômenos e o advento da verdade que eles nos trazem.

Diz ainda Hans Driesh:⁹ “Podemos desde logo afirmar que a parapsicologia enriquece a psicologia, e com ela a metapsíquica, de maneira extraordinária; e *que ela influencia igualmente, de modo excepcional e decisivo, as mais altas especulações metafísicas*, o problema da morte e o da unidade de tudo quanto é Espírito; e isso, quer se atribua o conteúdo espiritual do mundo a uma consciência universal, quer se considere o mundo do Espírito, de acordo com o Espiritismo, como uma sociedade de seres indestrutíveis, estreitamente unidos uns aos outros. Nesse reino, tanto num caso como no outro, chega-se ao conceito de Unidade”.

William Crookes fala das materializações como se se tratasse realmente de seres humanos. Por que? É possível que a percepção sensorial de um sábio, que teve suficiente acuidade mental para realizar tantos inventos e descobrir leis importantes na natureza, haja carecido dela perante as materializações como as de Katie King e não tenha podido deduzir se essa forma era ou não uma força “*inerente ao próprio médium*”? Se assim fosse, ao referir-se à personalidade de Katie, não teria Crookes se exprimido assim: “Mas é tão impotente a fotografia para pintar *a perfeita beleza do rosto de Katie King* quanto o são as palavras para descrever *o encanto de suas maneiras*. É certo que a fotografia pode dar um desenho de sua atitude; mas *como poderia reproduzir a brilhante pureza de sua cutis, ou a expressão incessantemente mutável de suas feições tão móveis, ora veladas de tristeza, quando conta algum amargo episódio de sua vida, ora sorridente, com toda a inocência de uma mocinha, quando havia reunido minhas crianças em torno de si, e as divertia a contar-lhes episódios de suas aventuras na Índia?*”¹⁰

Ademais, é bom mencionar as instruções dadas pela própria Katie King a Crookes, quanto à proteção que deveria dar ao seu médium, Florence Cook, uma mocinha de apenas quinze anos.

“Dessas instruções, que foram estenografadas – diz William Crookes – referirei o seguinte:

“O senhor Crookes agiu sempre muito bem e é com a maior confiança que *eu deixo* Florence em suas mãos, pois estou perfeitamente segura de que não me faltará à fé que *tenho nele*. Em

todas as circunstâncias imprevistas poderá agir melhor do que *eu mesma*, porque tem mais força.”

Por outro lado, é preciso lembrar que essa entidade materializada não cessa nunca de afirmar com insistência a sua individualidade independente, isto é, que não é uma forma “inerente ao próprio médium”, como diz o Dr. Troise. Dá a saber aos experimentadores o nome que tinha em vida; narra tristemente as dolorosas vicissitudes de sua curta existência terrena, como nos diz o engenheiro Ernesto Bozzano e, ainda, trata de provar de outra maneira a sua independência espiritual, aparecendo ante os olhos dos experimentadores ao mesmo tempo que o médium, deixando-se fotografar com este e com Crookes, permitindo que este e a escritora Florence Marryat *a toquem, a beijem e escutem as batidas de seu coração*, enfim, despertando o médium e com ele conversando.

Na inolvidável sessão em que fez a sua despedida dos investigadores, Katie King traçou, definitivamente, para o bem da humanidade e da ciência, uma linha divisória entre o seu ser espiritual e a personalidade humana do médium, senhorita Florence Cook.

Vejamos como Crookes relata este último episódio que, na opinião de Bozzano, reveste um grande e decisivo valor psicológico.

Diz ele: “Uma vez terminadas as suas instruções, Katie me convidou a entrar com ela no gabinete e me permitiu que ali estivesse até o fim. Depois de haver corrido a cortina, falou comigo durante alguns instantes, depois atravessou o aposento para aproximar-se da senhorita Cook, que jazia inanimada no solo. Inclinando-se sobre ela, Katie tocou-a e lhe disse: “*Desperta, Florence, desperta! Agora é preciso que eu vos deixe*”.

A senhorita Cook despertou e, banhada em pranto, pediu a Katie que ficasse ainda por algum tempo. Katie respondeu: “*Querida, não posso; minha missão está cumprida. Que Deus te abençoe!*” E continuou falando à senhorita Cook. Durante alguns minutos falavam ambas, até que, por fim, as lágrimas embargaram a voz da senhorita Cook. Seguindo as instruções de Katie,

lancei-me para amparar a senhorita Cook, que ia cair ao solo e soluçava convulsivamente... Olhei em volta de mim, mas Katie e seu vestido branco haviam desaparecido.”¹¹

Nesse maravilhoso episódio, diz Ernesto Bozzano, estão reunidas as melhores provas que a ciência tem direito de exigir, para admitir a independência psíquica de uma personalidade mediúnica: de um lado temos a forma materializada, visível ao mesmo tempo que o médium; e do outro, a circunstância, psicologicamente decisiva, de duas individualidades distintas, ambas de posse de suas faculdades conscientes, que conversam afetuosamente e, comovidas, trocam os últimos adeuses. Como é possível, ante tais provas, falar seriamente de “prosopopéia-metagnomia”? Quem pode imaginar honestamente que as duas metades de uma mesma personalidade tenham o poder de desdobrar-se e transformar-se em duas individualidades completas, dotadas de traços intelectuais característicos, e cada uma a seu modo? Quem se atreveria a sustentar que a personalidade subconsciente do médium, exteriorizando-se e materializando-se, se transformasse, como que por artes de encantamento, numa personalidade que ignora por completo, que pertence à outra metade da “vida de si mesma”, que tem à sua frente e que além do mais, essa ignorância, compartilhada, fatalmente pela outra metade, possa chegar a motivar que essas duas desgraçadas secções da alma, ambas deploravelmente enganadas, acabem por imaginar – e não se sabe por que ocultos mistérios da prosopopéia – que em breve têm de separar-se para sempre, e que o sintam tanto que se prodigalizem, reciprocamente, frases afetuosas e desoladas palavras de despedida? Digamos com o professor Hyslop: “Não tem limites a credulidade de quem seja capaz de sustentar seriamente uma tal interpretação dos fatos”.

Não nos parece inútil examinar o episódio acima descrito do ponto de vista psicofisiológico. Neste caso, acrescenta Bozzano, achamo-nos em frente a duas personalidades reais, perfeitamente visíveis, tangíveis, fotografáveis: o médium, senhorita Florence Cook, de um lado, e o fantasma materializado de Katie King, do outro, os quais amiúde conversam carinhosamente. Em termos psicofisiológicos, este fato significa que as duas personalidades

mediúnicas *acionavam simultaneamente os centros corticais da inervação da linguagem falada*. O fim e o tema de seus diálogos era a separação definitiva que se fazia iminente, correndo as lágrimas do médium ante as comovedoras manifestações de carinho, expressas pela entidade materializada. Do ponto de vista psicofisiológico, isto demonstra que ambas faziam atuar *simultaneamente os mesmos centros corticais de elaboração dos sentimentos afetivos*. Nestas condições achamo-nos ante um fenômeno irrefutável de *duplicidade* real, indiscutível, dos centros e faculdades psíquicas, o que nunca logrará explicar a “prosopopéia”, por isso que, no caso de “personalidades alternantes” de origem patológica, prova-se constantemente que as faculdades psíquicas ou psicofisiológicas de que, num momento dado, se serve uma das ditas personalidades, faltam na outra, o que, além do mais, era fácil de prever mesmo *a priori*.

Aliás, não será inútil acrescentar, em apoio a esta tese, que a personalidade de Katie King, longe de submeter-se sempre e passivamente aos desejos formulados mentalmente, ou de viva voz, pelas pessoas reunidas, longe de refletir automaticamente a vontade do médium, ou a de Crookes, comporta-se como bem entende; aconselha, exorta, censura, nega-se, às vezes, a responder a algumas perguntas indiscretas e, quando interrogada a propósito das causas de seu reaparecimento na Terra, responde que seu regresso é o resultado de uma missão, de fato uma expiação, e que constitui para ela um meio de ulterior progresso espiritual.

E eis que um dia a personalidade mediúnica de que falamos anuncia a seus bons amigos da terra que sua missão está chegando a termo e que em certo dia deixará de manifestar-se de modo tangível. Mas – perguntareis –, apesar da vontade intensa de todos de não a perder; apesar das lágrimas e da insistência do médium; apesar da onipotência da idéia *plasticizante* e organizadora do médium, como não foi possível, nem mesmo por apenas um dia, que aquele fantoche criado pela “prosopopéia”, não se mostrasse profundamente sensível a tantas demonstrações de afeto e tivesse que se despedir de seus amigos, como se obede-

cesse a uma vontade suprema, de uma origem muito mais elevada?

Que raça de títeres prosopopéicos é esta, pergunta Bozzano, que apenas nascidos se fazem independentes intelectualmente; pensam como lhes apraz; agem como querem; tomam a identidade de seres que outrora viveram na terra; demonstram que é certo aquilo que dizem por todas as provas pessoais que humanamente é lógico exigir; manifestam-se quando lhes convém; despertam os médiuns e falam com eles; vão-se e voltam quando menos se espera; falam de uma morada espiritual que habitam, e não obedecem à vontade de ninguém, salvo, quiçá, à de uma entidade espiritual superior, à qual incessantemente fazem alusão com o maior respeito?

Na verdade, Dr. Troise, quantos casos formidáveis para serem resolvidos, se só nos acudir a hipótese da “prosopopéia-metagnomia”, e a que diz que “são inerentes ao próprio médium”?

“Aquilo que a mediunidade manifesta” – é evidente para o estudioso – antes de revelar fatos e fenômenos que se possam explicar pelos poderes subconscientes ou supranormais do médium, mostra-nos outras manifestações, que são provas inegáveis de que o homem é uma essência espiritual eterna e que, em ocasiões propícias, faz-se presente ao pensamento humano, para ir conhecendo sua verdadeira natureza, e vislumbra, posto que veladamente, o sublime destino que lhe está reservado no infinito do universo.

“Faz-nos pensar na instituição de outras experiências, seqüência das primeiras, destinadas a determinar a natureza das relações entre o *cérebro* e o *pensamento* e, como consequência eventual, a *possibilidade de sobrevivência do homem, já como indivíduo perdurável*, já como representação mnésica na consciência universal.”¹²

Em outras palavras, “o que manifesta a mediunidade nos inclina a buscar a solução do problema da pessoa humana real, explorando experimentalmente o homem vivo”, como diz o Dr.

Osty ao referir-se aos métodos a empregar com os indivíduos metagnomos e em seus valores psicológicos.

Oliver Lodge, esse gênio da física moderna, não teve dúvidas em afirmar o conteúdo espírita da mediunidade. Em seu livro *A realidade de um mundo espiritual*, sintetiza de modo preciso os fundamentos da tese espírita, dizendo:

“Em sua forma mais simples e crua, a hipótese espírita consiste na afirmação de que *somos espíritos atuando sobre corpos materiais*, estando, por assim dizer, encarnados na matéria por algum tempo, mas que *nossa existência verdadeira não depende de nossa associação com a matéria, ainda quando esta constitua um indício e uma demonstração de nossa atividade*.”

“Mostramo-nos aos nossos semelhantes por meio dos organismos materiais que inconscientemente construímos para esse fim; daí que se o organismo for lesado, nossa manifestação será imperfeita; e se a lesão for séria, é possível que tenhamos que *abandonar o organismo e ficar dissociados da matéria*.”

“De acordo com esta hipótese, *após essa dissociação, nossas atividades psíquicas continuam como antes, mas então localizadas no Espaço*.”

“E somente *quando conseguirmos estabelecer algum contato temporário com a matéria, estaremos capacitados para fazer algum sinal ou demonstração da continuidade de nossa existência* aos outros seres ligados à matéria e obrigados a perceber por seus sentidos normais”.

O que a tese espírita sustenta sobre o indivíduo, isto é, que o ser é imortal, não só encontra apoio nos fenômenos de materialização, mas ainda nos surpreendentes fenômenos de moldagem em parafina de pés e mãos materializados, nos quais se observam os detalhes da pele e a constituição anatômica e até as impressões digitais do *ser* que se manifesta, obtidos pelo Dr. Geley no Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris. Estes fatos, segundo a opinião do mesmo Dr. Geley, encerram conseqüências absolutamente revolucionárias para a biologia e para a psicologia.

O que é inegável e perfeitamente certo é que, mesmo admitindo por um momento que a origem dos fenômenos metapsíquicos fosse somente devida à “existência de forças não comuns”, mas que “são inerentes ao próprio médium”, este mesmo fato, com o qual crê salvar-se a insuficiência científica do materialismo, quer este seja mecanicista, quer dialético, demonstra-nos que a mediunidade, e sobretudo a que se refere às materializações, significa forçosamente a negação desta teoria e que a *idéia* não pode ser considerada jamais como um produto ou secreção da matéria.

Em conclusão, pode afirmar-se o seguinte:

Tanto em biologia quanto em metapsíquica, tudo se manifesta como se o ser físico estivesse substancialmente constituído por uma *essência primordial única*, cujas formações orgânicas não passassem de simples representações, de onde se deduz que no indivíduo não se desenvolve apenas uma fisiologia normal, mas também uma fisiologia supranormal (Geley), que leva em si a necessidade de admitir-se a existência de um dinamismo superior organizador, centralizador e diretor, o qual *obedece por sua vez a uma idéia diretriz*.

Segundo o Dr. Geley, essa idéia diretriz encontra-se em todas as criações biológicas, quando se trata de uma materialização anormal, mais ou menos complexa. Não há plasmação que não revele um objetivo definido. A idéia diretriz nem sempre consegue realizar este objetivo definido. O resultado de sua atividade freqüentemente é imperfeito. Em fisiologia normal, tanto quanto em *fisiologia supranormal*, vemos que ela gera produtos perfeitos, mas outras vezes os gera abortados ou monstruosos, posto que, não poucas vezes, simples simulacros. Mas, seja o que for que nos dê, a idéia diretriz jamais falta. Isto é de tal modo evidente, que, pode dizer-se, instintivamente se há encontrado o vocábulo justo para aplicar aos fenômenos de materialização – ideoplastia, ao qual se junta a “teleplastia”, para indicar que o fenômeno se reproduz mesmo fora do organismo descentralizado ou desmaterializado.

Que significa o vocábulo ideoplastia? – pergunta o Dr. Geley. E responde: significa moldagem da matéria viva pela idéia. A

noção de ideoplastia, imposta por esses fatos, é de capital transcendência.

A idéia deixa de ser uma conseqüência, um produto da matéria; muito ao contrário, fica convertida no agente modelador que procura a forma e os atributos da matéria.

Por outras palavras: a matéria, a substância única se resolve, em última análise, num dinamismo superior que a condiciona; e esse dinamismo, por sua vez, está submetido à idéia.

Como é fácil de ver, esta conclusão é a derrocada total da fisiologia materialista e, ainda mais, do conhecimento clássico do homem.

Com efeito, com aquilo que temos visto, podemos, então, escolher a seguinte doutrina espírita, que é o que sustenta todo investigador sério, e que o Dr. Troise não quis levar em consideração nas páginas de seu livro. É a seguinte:

1°- Todos os fatos supranormais que são “inerentes ao próprio médium” deixam estabelecida a insuficiência do paralelismo psicofisiológico e de todas as demais hipóteses do materialismo.

O Ser, ou o homem, não é o produto das forças da matéria, mas um potencial psíquico ou uma idéia diretriz, que se sobrepõe à organização física.

2°- Existem fatos supranormais que não “são inerentes ao próprio médium”, explicáveis unicamente pela intervenção de entidades espíritas, nas quais se descobre que a natureza do homem é um princípio substancial e eterno.

VI

O futuro da Metapsíquica

Que importância haverá para a maioria dos homens que *um*, entre milhões, possua a faculdade excepcional de ver *sem utilizar* os olhos, por exemplo? Acaso isto invalida o conceito de que o homem, em geral, não conhece o que seja a luz senão através do sentido de visão? Nenhum dos conhecimentos que a ciência, com seu método, chegou a elaborar, perde o seu valor pelos fatos da psicologia supranormal. O próprio Richet nos diz em sua obra: “Nada existe na metapsíquica em contradição com a ciência clássica. Trata-se apenas de *afirmações novas*” (*Traité de Métapsychique*).

“Há uma vastíssima zona inexplorada em todos os âmbitos do saber. A metapsíquica começa a inquirir numa região ainda obscura. É bom repetir que uma coisa são os *fatos* metapsíquicos e outra as *teses* que o Espiritismo dá como provadas pela mesma existência dos fatos de psicologia supranormal.

“Quem pretender fundar uma teoria geral do conhecimento, partindo dos fatos excepcionais da psicologia supranormal, chegará, necessariamente, a uma lamentável confusão.

“A atitude do verdadeiro sábio perante esses fatos não pode ser de negação sistemática, de sarcástica hostilidade, mas de observação, de comprovação serena e veraz. Todo o progresso do conhecimento está balizado por este conflito entre *aquilo que se admite como certo* e aquilo que, em sua novidade, se choca com as idéias e com os conceitos estabelecidos.

Como disse Morselli, “tudo saiu do ignoto para passar ao conhecido; em todas as partes do saber o oculto se tem tornado ostensivo”. (*Psicologia e Espiritismo*).

“Nada obstante, podemos continuar tendo confiança em nossos dados sensoriais e sensitivos. Jamais poderá elaborar-se uma teoria do conhecimento que prescindia da *senso percepção*, como ponto de partida de *nosso contato com o real*. Depois de tudo, é

com a nossa estrutura *senso-perceptiva* que abordamos o fato supranormal: criptestésico, ectoplásmico ou premonitório!”

* * *

Neste outro aspecto das considerações feitas pelo autor do *Materialismo Dialético* está visível e manifesto o Espírito conservador do Dr. Troise, que se aferra aos sentidos sensoriais do indivíduo, disposto a não conceder nenhuma importância às novas faculdades que possa o homem possuir e revelar. Como todos aqueles que estão confiados nos cinco sentidos clássicos da humanidade, também ele faz caso omissivo daquelas pessoas que, “*entre milhões*, possuam a faculdade excepcional de *ver sem utilizar os olhos*”, pois este fato, posto que verídico para a razão científica, não o é suficientemente para que o filósofo e o cientista deduzam novas possibilidades de conhecimento.

De acordo com o sentido comum, o conhecimento, ou aqueles que se dão ao trabalho de o elaborar, deverão utilizar aquilo que já foi consagrado pelas idades. Só assim estará certo e não provocará reações naqueles que estão conformes com o tipo humano *normal* e com todos os derivados psicológicos e morais, pois o homem há de ser sempre o que foi: o homem comum e impotente dos cinco sentidos.

O conhecimento do mundo, como bem se compreende, há de ser um prolongamento ou concepção de um indivíduo que, por seus pobres cinco sentidos, julga conhecer toda a realidade do *ser*. Como se ele, *ato pensante* de um momento no eterno do conhecimento, pudesse registrar o conteúdo do *ser* ou a plenitude da realidade. Foi a *senso-percepção* da massa que sempre matou a verdade. E esse conhecimento, elaborado por “nossos dados sensoriais e sensitivos”, não é mais do que o resultado desse sentido geral dos homens.

Esses poucos seres – que não são tão poucos – que podem “ver sem utilizar os olhos” assemelham-se a esses outros que podem ver a essência da justiça sem utilizar o olho da realidade e, não obstante, vêem-na e sabem como ela é.

Sem estar em contacto *com o real* da justiça, elaboram o conhecimento do bem-estar humano. Ainda que se diga que tal

conhecimento provirá sempre de um contato com a realidade e com a justiça, em compensação não a perceberão apenas com o sentido comum, mas com *esse olho excepcional* que possuem e que não é “geral e comum a todo indivíduo normalmente constituído”.

Ao afirmar que “a natureza humana tem processos de conhecimento diferentes dos sentidos normais”, Richet demonstrou que o homem é um ser que não está inteiramente conhecido, como pensam os mecanicistas da fisiologia conservadora. Se o homem, como ser que é, estivesse totalmente conhecido, conhecido estaria também o resto das coisas; mas “como há uma vastíssima zona inexplorada em todos os ambientes do saber”, o saber sobre *o ser* do homem apenas começa a delinear-se, pois que “*o nosso contato com o real*”, esse *real cansado* e apenas útil aos que querem seguir no mundo como até aqui, começa a manifestar novas formas de existência e de existir.

Por isso cremos que a revolução do mundo não está unicamente nessa cultura sociológica com que nos brindou o conhecimento dos cinco sentidos humanos. A revolução da humanidade – e esta será, talvez, a verdadeira – virá do total conhecimento do homem, pois somente quando isto for logrado serão alcançadas, “em espírito e verdade”, as transformações da sociedade, sem que os homens atraíam os princípios que antes tanto exaltavam e proclamavam.

À força de golpes contra a verdadeira realidade do mundo, querem estruturar um conhecimento que justifique uma filosofia sensorial do *ser* para, assim, dar forma a uma sociedade humana onde sonham com o império da justiça.

O *estar* no mundo há de ser à força e por uma *sensação* das coisas; o *ser* do homem estará sujeito ao *ser* do material e sua própria mente, que pode individualizar a realidade do mundo, será um miserável fenômeno, que dimanará dessa realidade material.

Para esse intento, necessário é “seguir, nada obstante, tendo confiança em nossos dados sensoriais e sensitivos”, porque do contrário, outros poderão ser os resultados. Pois, ainda que a

metapsíquica e o Espiritismo apresentem fatos que estão demonstrando o contrário, é necessário ir à frente com o que se sabe e se conhece, já que “depois de tudo, é com nossa estrutura *senso-perceptiva* que abordamos o fato supranormal: criptestésico, ectoplásmico ou premonitório!”

Quando a inteligência souber que, *todavia*, é aquilo que *não é*, começará a duvidar de suas sensações e de suas faculdades *senso--perceptivas*.

Se o fenômeno supranormal não tivesse sido abordado com as nossas sensações, ainda mesmo que aqueles que o comprovaram se esganiçassem durante uma eternidade em proclamá-lo, ninguém o teria acreditado e aceitado como verossímil. Em compensação, ao intervir na metapsíquica e no Espiritismo, a mão sensível do homem impossibilita que alguém possa duvidar dos fatos, mesmo aqueles que o reconhecem como real, mas que o põem de lado, por considerá-lo *infinitesimal* e ineficaz para a construção do conhecimento.

É claro que esse orgulho de nossa percepção humana talvez houvesse desejado – num mundo sobrenatural – um organismo extraterrestre para controlar os fatos supranormais.

Mas o fenômeno metapsíquico e espírita, ao ser abordado com a sensação humana, está demonstrando que o mundo real é tal como se manifesta, sim; mas *não é* como o percebem os doutores do materialismo filosófico com seus sentidos clássicos.

As formas da realidade não são tal forma nem tal realidade: a própria ciência o está demonstrando com suas experiências físicas. Um resultado disso é o incômodo dos físicos diante do indeterminismo das leis universais.

A substância do conhecimento não poderá ser apreendida enquanto alguns se arroguem no direito de *conhecer* a realidade estudando sobre o *ser* dos demais. Esse conhecimento, que nos vem das faculdades sensoriais históricas, é apenas um pálido reflexo da realidade essencial, que há no homem e nas coisas.

Um conhecimento que morre com o indivíduo é uma derrota do homem. Por isso a Justiça, que é a introdução ao verdadeiro conhecimento, jamais será realizável enquanto o *ser* do homem

fundar o conhecimento fora de sua mesma realidade, da qual apenas se conhece uma parte mínima.

Acreditou-se e continua se acreditando que o conhecimento captado por vias espirituais impedirá a manifestação da justiça no humano; mas isto é um grande erro, se se levar em conta que o *ser metapsíquico* do homem não dá formas a um conhecimento similar ao idealismo clássico, cujos criadores fizeram com as coisas do Espírito um enredo que nem eles próprios entendem. Ao contrário, o *conhecimento metapsíquico*, que se está manifestando através do indivíduo, dará ao *conhecimento das massas a realidade* de suas aspirações. Não irá deter o curso de sua justiça, tirando-o do mundo: ao contrário, dir-lhe-á que seu *estar* no mundo é devido precisamente aos impulsos e às realidades da justiça essencial, que é seu aperfeiçoamento e seu *ser*.

Ufanar-se tanto de *nosso contato com o real*, pois, não fica bem, se atentarmos para a maneira pela qual estão propondo os problemas filosóficos e científicos de nosso tempo.

O real, o *ser* da realidade, pode-se dizer que se tornou uma ilusão. Conseqüentemente, não falamos perante um redescobrimiento ou reapreensão do conhecimento. As mesmas formas sociais que foram alcançadas baseando-nos nesse conhecimento, o qual nos veio de *nosso contato com o real*, estão sofrendo uma crise de indecisão e de desorientação. Abala-se a sociedade, porque se renova um período do conhecimento. Isto quer dizer que progresso e conhecimento não são iguais em essência, nem que a técnica surgida do *real* seja o fim do *estar* no mundo, nem tampouco uma verdade inabalável do conhecimento.

A técnica e as formas sociais, tanto as passadas quanto as futuras, descobertas ou apreendidas pelo conhecimento sensorial, que pensam ser o absoluto, são estruturas não de realidade permanente, mas de uma realidade cambiante ou dialética, porque as formas de sensação com o real se intensificam e extensificam à medida que o *ser* do homem realiza o seu próprio conhecimento.

A metapsíquica pode fundar um conhecimento do Universo, porque, antes de inquirir no real, isto é, no organismo da realida-

de, inquire na *substância* do conhecimento, para nela diluir o fenomenismo do mundo.

Nesta *substância* do conhecer está o *ser* da realidade, a qual não é limitada nem pelo objetivo, nem pelo subjetivo, que são considerados como os opostos da realidade; pois o objetivo e o subjetivo são duas manifestações do *ser* do homem que, dentro da realidade substancial, não são reais. Seus fenômenos duram enquanto o *Ser* do homem condiciona seu *estar* no mundo e nas formas históricas do conhecimento.

O materialismo filosófico não se dá conta de que todo o conhecimento até agora apreendido foi um conhecimento de *ilusão*. Materialistas e idealistas disputaram o campo do conhecimento, discutindo-o sobre as condições psicofisiológicas do indivíduo, sem compreenderem que assim como existem revoluções que transformam radicalmente os organismos da sociedade, podem ocorrer revoluções capazes de transformar as condições do organismo do homem.

Porque o estar do homem no mundo não é a condição definitiva de seu estar, mas um tempo criado pela substância do conhecimento, que agora marcha para o supranormal, a fim de dar realidade a outro tempo do conhecimento e do estar.

O conhecimento da ilusão material, como o é o atual, se aplicasse por um momento a penetração dos raios de Röntgen da inteligência sobre a realidade, como que se daria conta de que o fenomênico tem um interior muito diferente do exterior, apesar de todos os esforços feitos para justificar a existência real da matéria.

Como já deixamos entrever, o conceito do material não deixa de ter sua utilidade para o conhecimento. Mas daí a querer dar-lhe existência definitiva é ir contra os próprios fatos da experiência científica.

Além disso, ao assentar seu conhecimento na dinâmica da matéria, isto é, no *todo* estando em constante movimento e transformação, o pensar dialético inclina-se para o conceito do *ser* espiritual e eterno. Ao diferir do materialismo mecanicista, naquilo que concerne à inteligência, o materialismo dialético não

é um materialismo propriamente dito. Sua concepção dinâmica do mundo é uma espiritualização da matéria: daí o tornar-se um pensar *desmaterializado* do mundo.

É uma grande lástima que, depois de aceitar o essencial da realidade, logo rechace o *ser eterno da matéria pensante*, que é o seu próprio ser apreendendo o conhecimento de toda realidade, mediante sua mesma palingenesia!

O conhecimento histórico realizou *seu conhecer*, ao que parece, de modo acertado, com a estrutura e a forma de seu ser material. Mas esta estrutura e esta forma de seu ser material têm segurança bastante para dizer que seu *conhecer* é o verdadeiro? Não haverá na verdadeira realidade, não só do mundo, mas do Universo inteiro, outro conhecimento que as formas atuais do homem e a sociedade não permitem apreender?

A metapsíquica humana do homem, como a metapsíquica cósmica, que dão categoria de faculdades aos fenômenos supra-normais, são formas preliminares de outro tempo do conhecimento. A forma, que é um fenômeno que não se sabe por que se nos apresenta da maneira pela qual a identificamos, sobretudo no homem e no animal, é o melhor índice para suspeitar um *Eu* essencial no *Ser* individual dos seres.

A metapsíquica corrobora essa suspeita do *eu* essencial pelos fenômenos de materializações e desmaterializações. Se a realidade do universo se materializa e desmaterializa em fenômenos ou formas humanas que se movem, falam e pensam, logo o conhecimento histórico do homem careceu do saber necessário para aprender a verdadeira substância do conhecimento.

O *ser* real, dentro da realidade do conhecimento histórico, não é, então, apenas de estrutura e de forma, mas de substância; substância dotada de uma única *propriedade*, cuja *faculdade única* consistirá em poder modificar convenientemente a produção do fenômeno, que necessitará em cada instante de sua existência.

O conhecimento histórico, que há confiado continuamente em *nosso contato com o real*, jamais pôde dizer com seguros dados experimentais se a inteligência estava dentro ou fora da forma e

da estrutura. O *ser* inteligente deveria estar sempre aderente a uma forma; mas a metapsíquica, que supera o conhecer metapsíquico por sua natureza experimental, pode hoje dizer que a vida e o *ser* individual vivem fora das limitações de forma, a qual outra coisa não é senão uma representação do *estar* no mundo.

A vida, o ser e a inteligência não são, pois, meros reflexos do material. A história intelectual do homem o testemunha, já que ao inquirir este sobre o conhecimento das coisas, demonstra que não é a *coisa mesma* investigada, mas um *ser de pensamento* que, ao realizar o conhecimento do mundo, revela, de mais a mais, a sua natureza infinita que, em vez de se esgotar no conhecer realizado, aumenta e revela as possibilidades de sua essência.

Em suma: a metapsíquica autoriza a filosofia a postular o conhecimento do *ser essencial*, que é de onde saiu e sairá todo o processo fenomenológico do mundo. *Ser essencial* que se realizará no tempo e no espaço, sem pertencer definitivamente às suas relatividades, pelo movimento infinito que é seu próprio ser.

“Que tudo quanto é, em essência e acidente, é da Essência, na Essência e pela Essência;

“Que em seu ser e em sua maneira de ser, é imutável e eterno;

“E que se se oferece em fenômenos policrômicos, é pelo tanto de atividade que se aprecia em cada um deles.

“Tudo é da Essência, na Essência e pela Essência; porque se houve algo que não fosse dela, nela e por ela, esse algo teria sido tanto quanto ela, teria anulado a sua “seidade”, anularia o seu ser.

Tudo está em seu ser e em sua maneira de ser eterno e imutável; porque a Essência não tem mais do que uma propriedade; e esta propriedade também não tem senão uma só manifestação no eterno.

E tudo, enfim, se nos oferece em fenômenos policrômicos pelo tanto de atividade que apreciamos; porque todos os seres “racionais” e “irracionais”, como seres e como sujeitos de percepção e de cognição, como indivíduos submetidos ao existir, não somos mais do que “atividade diferenciável” para nós; e para os outros, “reflexos de atividade diferenciada”.¹³

A iluminação de um renovado sentir e conhecer do homem está sendo operada consciente ou inconscientemente, nos novos rumos que está tomando a cultura. O conhecimento histórico, a despeito de seus erros, dá outras luzes ao saber ou à humanidade, porque de sua mesma cultura surgirão novas noções sobre o existir e o estar no mundo, assim como do homem histórico estão surgindo outras vias de conhecimento, que antes não eram suspeitadas, porque ele se julgava totalmente conhecido e explorado.

Conhecimento e homem histórico prolongarão sua essência para novos modos de ser. E é deste prolongamento que sairá a verdadeira revolução da humanidade, que ao chocar-se contra os interesses do homem clássico, acelerará a marcha, a fim de abrir novos caminhos à raça terrestre, a qual, por outro lado, demonstrará como a essência infinita do Ser estenderá sua presença no mundo e no Universo.

Este novo sentido do homem e do cosmos, este novo órgão do conhecimento tanto correspondem à metapsíquica quanto à ciência espírita. Glória a elas, então, porque puderam, das formas efêmeras da realidade, levantar o Espírito do homem!

Glória a elas, porque, de hoje em diante, a essência humana poderá aproximar-se da estrela da verdade sem temer a morte, essa desconhecida nos mundos da luz! Glória a elas, porque assim a ciência tornar-se-á uma síntese de amor, pelo qual os homens e os povos abraçar-se-ão, definitivamente, como irmãos!

E, por fim, glória aos homens espíritas e metapsiquistas, que, enfrentando o desprezo e o escárnio das universidades oficiais, estruturaram o *conhecimento da alma*, sem desmaios e sem vacilações!

Que a cultura de amanhã os brinde com o merecido reconhecimento de que são dignos, já que o nosso tempo, tão belicoso e desnaturado, os desdenha – ó cegueira da história! – como se fossem iludidos e enganados.

Que a telepatia das almas emancipadas vibre como uma carícia de reconhecimento sobre aqueles espíritos quando, serenos e ativos, contemplarem o advento das novas idades, nas quais o

homem, sem morte, sem ódio e sem injustiça, reinará um dia assim como a águia por sobre os píncaros dos mais altos penhascos...

VII

Caracteres da filosofia espírita

Tarefa bastante delicada é estudar a filosofia espírita, por isso que sua doutrina da personalidade humana e sua interpretação do universo diferem, em grau supremo, de todos os sistemas clássicos conhecidos. Indagar no campo científico que nos oferece o Espiritismo significa, antes de tudo, colocar-se em posição imparcial perante o que teria sido aceito como uma conclusão exata e definitiva, isto é, que os dogmas da ciência positivista deverão ser momentaneamente abandonados, para mais tarde, uma vez estudadas as doutrinas espiritistas que emergem do fenômeno metapsíquico, compará-las com o positivismo e valorizá-las entre si, sem espírito pré-concebido.

Com ampla razão o eminente filósofo moderno e homem de ciência, Dr. Gustave Geley, disse, ao referir-se ao estudo do Espiritismo: Para apreciar esta doutrina em todo o seu valor, é necessário momentaneamente abandonar toda outra idéia filosófica ou religiosa que se tenha. Com efeito, o Espiritismo apresenta uma série de contrastes internos com os outros sistemas metafísicos ou religiosos. O Espiritismo difere das religiões pela ausência total do misticismo, não invocando revelações nem o sobrenatural. *O Espiritismo só admite fatos experimentais, com as deduções que dos mesmos decorrem.*¹⁴

E assim é, na verdade.

Todo homem que se proponha a realizar um estudo sobre o Espiritismo, não poderá fazê-lo se trazer em seu espírito uma forte dose de positivismo. Quando o pensamento está imbuído de idéias dogmáticas, jamais será possível assimilar aquilo que o progresso pudesse oferecer à humanidade. Por isso pensamos que a doutrina espiritista é uma ideologia não apta para os espíritos conservadores, nem para aqueles que temem o advento de uma verdade nova.

Muitos dos nossos contraditores costumam negar ao Espiritismo seu caráter eminentemente revolucionário. Primeiro, por

temor de uma subjugação, por parte dos representantes da sociedade contemporânea; segundo, porque esse qualificativo destrói muitos e antigos conceitos que se têm acerca da doutrina. Dizer, por exemplo, que o Espiritismo é revolucionário, é realmente perturbar a face antiprogressista de muitos espíritos que vivem suportando todas as iniquidades humanas, devido a uma atitude conformista ou resignada. Ao contrário, esse qualificativo exige do homem uma nova interpretação da vida social e do sentimento metafísico que toda criatura guarda consigo, elevando-o ao estágio analítico da ciência, da filosofia e da religião.

Não esqueçam os nossos contendores materialistas que o ideal espiritista não adormece o espírito humano com promessas celestiais de uma vida futura, nem vem reforçar a existência anacrônica dos dogmas religiosos ou a vida parasitária das castas sacerdotais, que vivem encerradas dentro das luxuosas paredes das catedrais. Os espíritas estão muito de acordo com esse sentir contemporâneo, no que respeita ao liberalismo, que caracteriza os ideais avançados. Mas reclamam destes um critério mais equânime e profundo, quando julgam o Espiritismo e o colocam, como faz o Dr. Troise, entre as seitas religiosas, como se fosse uma seita moderna, que viesse coarctar a libertação espiritual dos povos. Essa maneira de julgar uma doutrina essencialmente científica, pelo fato de não admitir a sobrevivência e a indestrutibilidade do espírito, se nos afigura anódina e caprichosa.

Se é verdade que existe uma boa parte dos espiritistas que interpretam o Espiritismo como uma nova religião, sem projeções idealistas nem científicas, não é menos que o prejulgam através do erro daqueles que acomodaram a doutrina ao seu paladar. A história apresenta numerosos exemplos sobre a falsa interpretação das idéias; e, sem ir muito longe, sabemos que há no Brasil um partido socialista, que ostenta nas suas sedes os retratos de Karl Marx ao lado dos da Virgem Maria e de São José. Como se vê, o Espiritismo, como outras idéias, não pôde escapar de semelhante fenômeno, que a história constata em todas as idades.

Nosso teatro nacional exibiu uma obra do Dr. Vicente Martinez Cuitiño, intitulada *Horizontes!*... Verificamos no final da peça, na troca da idéias entre o autor e o público, que o vocábulo

“Espiritismo” repugnava ao auditório e que o escritor teve um especial cuidado de não apresentar a tese espírita na trama da obra, baseando-se tão somente nas hipóteses metapsíquicas.

Posto de manifesto este cáustico, ainda que bastante suavizado para o Espiritismo, por intelectuais e homens de ciência de todos os países, somos levados a cada momento a fazer uma pergunta: É acaso macabra, antinatural ou trivial a idéia da sobrevivência humana, a ponto de custar tanto ao homem admiti-la como uma idéia filosófica, moral e justa?

Esta repulsa pela imortalidade, segundo uns, não se deve a que os tempos não sejam chegados para os que assim sentem, nem a outras explicações de caráter religioso: a causa se prende, antes, à má exposição que as religiões fizeram sobre a alma e conforme nele as teorias materialistas triunfaram sobre os dogmas bíblicos. Em sua aparição, o Espiritismo não levou em conta o desprestígio que no futuro adquiriria a idéia da imortalidade da alma, pelo erro das religiões; e, esquecendo esse dado tão importante, ofereceu-se à humanidade, não com o objetivo exclusivo de demonstrar os erros da escola materialista, mas com o de amedrontar a todas as religiões com a grandeza de seus postulados, essencialmente superiores a quantos sistemas religiosos não tenham sido conhecidos.

* * *

A filosofia espírita, como conhecimento do mundo, não vem encadear as potências libertadoras do homem. Quiçá seja ela a única idéia que dará ao indivíduo a segurança absoluta da eternidade de seu ser. Isto, porém, não quer dizer que venha proclamar que os bens terrenos, quando não alcançados em nosso trânsito pela Terra, serão alcançados em mundos ultraterrenos.

A idéia do mundo, que nos dá o Espiritismo, é uma idéia de combate e de evolução. Se a evolução, que nos vem do velho mundo normal, é uma evolução que se conforma com os obstáculos oferecidos pelo presente, em compensação a idéia de evolução oferecida pelo Espiritismo é revolucionária e inadaptável ao que a sociedade manda guardar e respeitar.

Além disso, a moral da filosofia espírita não é um princípio que deverá amoldar-se a todos os espíritos. Em sentido geral aconselha o bem e a fraternidade, mas em particular não impõe nenhum cânon moral, porque sabe que o homem é uma potência essencial que, à medida que vai realizando seu processo evolutivo, desenvolve novas formas de moral, que diferem das anteriores.¹⁵

Cada ser é um mundo moral que se vem realizando individualmente, apesar das relações entabuladas com a sociedade. Sabe o Espiritismo que o fator sociedade não inibe o espírito de realizar suas vivências pessoais. A sociedade marchará para novas formas de vida, sempre que o ser as manifeste essencialmente, pois toda forma social imposta pela força nem será natural, nem durável. Num momento dado, quando a essência espiritual das massas exteriorizar novos sentidos de vida, essa forma, que não simbolizava a essência moral de todos, cairá, dilacerando muitos sentimentos e estados espirituais.

Em compensação, as formas espirituais firmar-se-ão, quando as manifestações coletivas forem *de uma mesma espiritualidade*. Assim, haverá harmonia na estrutura e no ser moral da sociedade, o qual não dará lugar a lutas, a fim de manter certas classes sociais e certos privilégios.

A filosofia espírita concebe uma forma ideal de sociedade. É claro, porém, que para atingi-la não se propõe a gestar o amotinamento nem a rebelião daqueles que tiverem pré-formada na mente aquela idealidade social.

A rebelião e a revolução representam para a filosofia espírita elementos que, uma vez passados ou realizados, não deixam no espírito nenhum valor permanente.

A verdadeira revolução não será, pois, nunca de caráter coletivo. Terá, antes, um caráter individual. É no individual que se arraiga a experiência e onde a manifestação essencial logrará um novo estado ou outra maneira de ser do eterno existir.

Por isso a *moral* que nos oferece o conhecer espírita não é única, mas variável e de múltiplas facetas. Cada ser traz consigo seu próprio mundo moral. A moral de Judas e a moral de Jesus

são aspectos manifestantes da essência espiritual que, analisados sob critério espírita, nem um é condenável, nem o outro venerável. Desde que Judas possui essencialmente aquilo que o Cristo já manifestou, o resultado é que um ser é menos desenvolvido e deverá alcançar aquilo que já está desenvolvido em Jesus, mas que em seu ser existe de toda a eternidade.

Para o Espiritismo a moral não é uma invenção nem um conjunto de preceitos que, uma vez confeccionados, a todos servirão por igual.

Mais que um animal de costumes, o Ser é uma força psíquica que, para manifestar-se em toda a sua plenitude, necessitará de liberdade moral. Sua verdadeira natureza é de processos evolutivos, cambiante, numa palavra, dialética.

O amor e a liberdade serão o único governo do Espírito. Um amor amplo, cósmico, que abarque não só a natureza do nosso planeta, mas a vida de todos os sistemas planetários, de todos os mundos habitados e habitáveis, que giram no espaço universal.

Com esta visão plena do existir, a filosofia espírita criará no Ser um novo tipo de pessoa que nem será o rotineiro habitante de um país ou de uma pátria, mas sê-lo-á do Todo, já que por sua essência individual participará da essência do cosmos e de tudo quanto tem realidade cósmica e essencial.

A idéia de comunidade é em seu espírito um reflexo de sua própria unidade substancial. À medida que esta noção de unidade adquire consciência no homem, as divisões fictícias de sociedade irão desaparecendo. Por isso, aqueles que já conceberam a *idéia de comunidade* em seu Ser, é porque perceberam a própria realidade substancial.

Os grandes legisladores sociais que alcançaram a noção essencial do homem são um exemplo da revolução que implicam as grandes visões do universo. A revolução que nem seja profética, nem esteja ligada à essência eterna do ser, por mais transcendental que a consideremos, será um sucesso social que com o tempo será absorvido pela rotina. Os fatores transformadores da sociedade, quando chegar a hora, mover-se-ão pelo impulso dos

grupos interessados e não pelo espírito de revolução que será, antes de tudo, um mandato imperioso de essência do homem.

A *sociologia do mundo* é para o Espiritismo mais do que de caráter coletivo – será de caráter individual.

Se tivesse sido apenas de caráter coletivo, como se chegou a pensar, a humanidade já deveria ter esgotado o problema, que todavia ainda subsiste, da *sociologia do mundo*. Não obstante, a história continua a mover-se aos impulsos da *inconsciência* coletiva, inconsciência que não significa mais do que o desconhecimento da natureza essencial do homem, e que sociólogos e filósofos atribuem à incapacidade das massas, sem que, todavia, se dêem conta de que as grandes transformações do mundo serão reais e realizáveis quando, por intermédio do indivíduo, se haja despertado no coletivo o sentido cósmico e eterno do Ser.

Só assim existirá o ser revolucionário, não de um mundo econômico apenas, mas na compreensão geral do mundo e do universo.

Sabe o Espiritismo que o que se aspira na terra, como bem-estar coletivo e individual, já é realidade em outros mundos habitados, porque a essência que move os seus habitantes alcançou o sentido do essencial, no que concerne à estrutura e às formas de sua realidade material.

Eis por que, se o filósofo espírita levanta o olhar para os espaços, não o faz apenas para implorar a proteção de entidades celestes, mas para perscrutar a realidade essencial dos mundos, que em breve serão outras tantas fontes de conhecimento, posto ainda não seja uma realidade a comunicação interplanetária.

O sentido espírita da vida dá ao Ser uma compreensão eterna do ato humano realizado. O homem não será, pois, o esfumante fantasma que se move entre dois pontos enigmáticos: o berço e o túmulo. Para a filosofia espírita o Ser é uma *mecânica* que atua tanto antes do nascimento, quanto após a morte.

Com o Espiritismo muda fundamentalmente a cultura de existência. Se hoje o homem e a sociedade se movem cegamente, é por falta de uma cultura dos fenômenos do mundo. No dia em que a espécie possuir uma cultura do nascimento e da morte e,

por compreensão filosófica, uma cultura da dor e uma cultura do prazer, será porque o indivíduo e a sociedade mover-se-ão iluminados, em estado de plenitude, isto é, conscientes da essência eterna que os anima.

Possuir a cultura da existência é aproximar-se da sabedoria. Enquanto o homem não possuir a cultura da existência, será um ser vacilante, que se moverá angustiosamente, entre a luz e a sombra. Saber que pisar o planeta nem implica a morte nem o nada é criar no indivíduo um sentido psicológico novo de *estar* no mundo.

Quando as formas fisiológicas do homem, com seu mecanismo maravilhoso, descerem aos túmulos, vencidas pelo tempo e pelas enfermidades, nesse ato não se extinguirá toda a essência do Ser. A filosofia espírita, ao contrário, sabe que esse gesto, que parece o último realizado pelo homem, nada mais é do que a entrega à terra de umas tantas peças, mas não a extinção do pensamento ou do Ser, que, enquanto se movia e se achava sobre o planeta, era como um deus desafiando o desconhecido.

Esse ato de agonia e de morte do Ser, segundo o pensar espírita, não aniquila o anjo terreno: ao contrário, dar-lhe-á oportunidade para chegar a ser esse deus, que se oculta no mistério de sua essência.

A morte ou o morrer são fatos que não podem aniquilar aquilo que não teve princípio nem terá fim. Pois tudo quanto existe e está no universo são apenas fenômenos de transformação e processos: nada foi criado; a Criação não existe. Por isso a morte não é um fenômeno inteligente, isto é, real e certo. A morte é uma transformação do Ser ou, melhor dito, uma revolução do existir, que coloca a Essência individualizada numa nova forma dentro da unidade do mundo.

O Espiritismo nos diz que a Essência é a única realidade do cosmos e que, enquanto a razão descobre em si mesma e em seu redor os efeitos do movimento, a vida é e será eternamente.

O movimento é uma expressão de eternidade. A essência é o ato puro infinito que, através do tempo e das formas fenomenológicas, adquirirá sensação e consciência de si mesma. Se parece

que a essência morre com o falecimento do homem, é porque leva consigo muitas formas expressivas de seu Ser; e uma delas é a de transformar-se num fato de morte. Mas daí ao aniquilamento absoluto, idéia sobre a qual foi estruturada toda a civilização do mundo, medeia um verdadeiro abismo.

A civilização e a cultura que nos oferece a filosofia espírita são sempre dialéticas, no fundo e na forma. O sentido de materialização e de desmaterialização não está generalizado, nem mesmo entre os pensadores e filósofos, que são a humanidade avançada. É por isso que o fato de morrer não é concebido como uma desmaterialização de essência.

Nascer – *negação da negação* (morte) – é pela mesma realidade da essência. Se há um nascimento é porque se materializa a essência. A materialização que se desenvolve aos nossos olhos, depois do nascimento, realiza seu processo de crescimento porque possui, em forma essencial, todo o necessário para desenvolver-se. Um *nascimento*, isto é, uma *materialização*, contém em si as mesmas propriedades que contém o grão de trigo, o talo, as folhas, as espigas, a farinha, o pão e até o trabalho daquele que amassará a farinha, para transformá-la em pão e também a criatura que com ele será alimentada.

Tudo quanto ocorre nos fenômenos do mundo é, em última análise, uma manifestação da Essência. Com esta visão filosófica, o processo histórico torna-se aos nossos olhos o desenvolvimento da essência coletiva, poderíamos dizer, já que a única realidade histórica está no individual, isto é, nas manifestações da Essência.

Resumo

Se forem falsas ou incertas as noções da filosofia espírita, o gênio e o destino do homem serão pó, morte, nada. Seria bom exclamar: *De que vale ser homem, se este é apenas uma sombra...*

Como, porém, dia após dia, a ciência vem comprovando que a filosofia espírita é verdadeira, a essência do Ser continuará, sob essa luz, desenvolvendo suas potencialidades. Posta a esperança em seu divino amanhã, entre auroras e ocasos, entre amores e desenganos, continuará seu processo ascendente.

Entre dúvidas e crenças seguirá o conhecimento, buscando a explicação do mundo, até o dia em que o ser essencial do homem, dando-se conta de que, sendo parte no todo, é também unidade, unir o seu pensamento ao pensamento do cosmos e, com mais inteligência, com mais vontade e com mais sentimento, tornar a sua tarefa de exploração mais leve e menos dificultosa.

Continuem, entretanto, a filosofia e a religião a sua busca. Como uma estrela de amor, a ciência espírita continuará iluminando o caminho de todos os peregrinos que vão em busca da verdade, porque, marchando com o progresso das ciências, nunca se transviará; se novas descobertas demonstrarem que está em erro sobre um ponto, sobre este modificar-se-á; e se uma nova verdade for revelada, aceitá-la-á (Allan Kardec).

A filosofia espírita, sempre pronta a renovar-se, espera, pois, para o fazer, uma prova científica de seu opositor: o materialismo. Enquanto isto, continuará forjando o aço desse novo mundo espiritual, que vem assomando por entre os fatos da psicologia supranormal, até que a prova mencionada seja produzida.

Notas:

¹ Usamos o original da terceira edição francesa, de 1868, revista por Kardec. Na tradução brasileira da FEB, a palavra “domination” foi traduzida por “demolição”.

² Proposição relativa ao *Porvenir de la Filosofia*, pág. 116.

³ Pseudo-espiritistas.

⁴ Mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec.

⁵ *El Espiritismo es la Filosofia*, págs. 7 e 8.

⁶ *Essai de revitie générale et d'interprétation synthétique de espiritisme*, pág. 23. E nós acrescentamos que é, também, um ramo espiritual da *História Divina* do homem.

⁷ Relativamente “àquilo que a mediunidade manifesta”, pode repetir-se o que diz o Dr. Geley, respondendo às objeções ao seu livro *Do Inconsciente ao Consciente*, onde expõe a sua concepção espírita do Universo, motivada por uma provável insuficiência dos fatos metapsíquicos para justificá-la.

“Estes fatos, diria ele, confirmam a minha filosofia: a meu ver, dão-lhe decisivo apoio. Mas de modo algum o condicionam. Se fossem falsos ou inexistentes, minha filosofia poderia subsistir completamente, quanto à metapsíquica e, mesmo, quanto a um sistema científico.

“Com efeito, ela compreende o conjunto das ciências da vida e está baseada, antes de tudo, em nossos conhecimentos relativos à evolução.”

⁸ F. Roberto Caimi.

⁹ Trechos do discurso pronunciado pelo Prof. Hans Driesch no Congresso Metapsíquico Internacional de Paris, em setembro de 1927.

¹⁰ William Crookes: *Novas experiências sobre a Força Psíquica*, págs. 204/5.

¹¹ *Opus cit.*, pág. 207.

¹² Eugène Osty – *La Connaissance Supranormale*.

¹³ Quintin López Gómez – *Doctrina Espírita* – Filosofia, pág. 49.

¹⁴ Isto quanto ao Espiritismo experimental. Quanto ao seu aspecto filosófico, o Espiritismo torna-se uma ciência social e religiosa dos espíritos e da sociedade, que revoluciona radicalmente todo o conteúdo espiritual da humanidade.

¹⁵ Hoje, porém, podemos dizer que a única moral que salvará o mundo é a do Cristianismo eterno, que emerge, fecunda e renovada, da doutrina espírita.